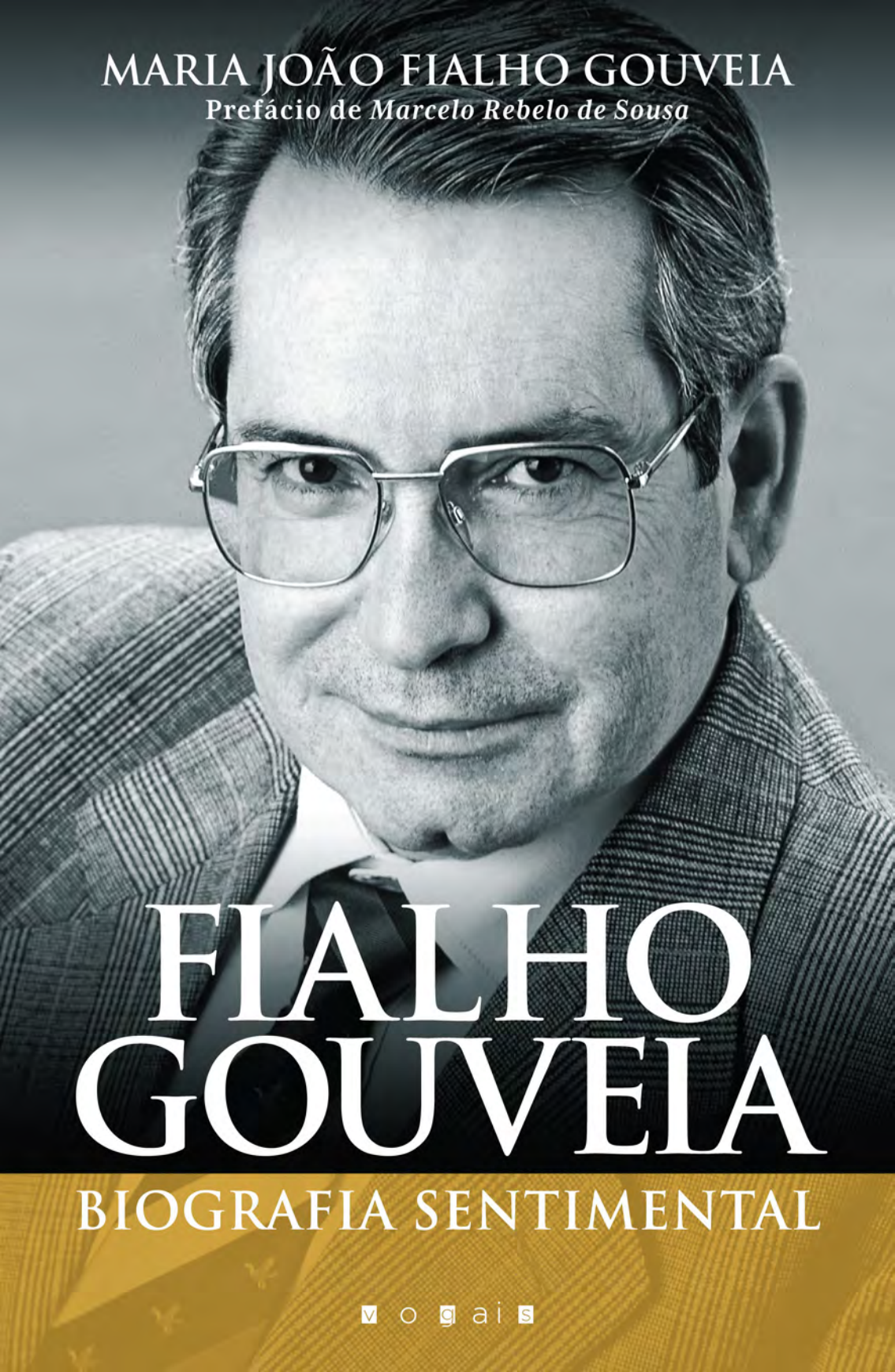


A black and white portrait of Maria João Fialho Gouveia, a middle-aged man with dark hair, wearing glasses and a patterned suit jacket. He is looking directly at the camera with a slight smile.

MARIA JOÃO FIALHO GOUVEIA

Prefácio de Marcelo Rebelo de Sousa

FIALHO GOUVEIA

BIOGRAFIA SENTIMENTAL

*Dedico este livro ao meu pai. Por tê-lo sido e por
tê-lo sido como o foi. E ainda o é, no meu coração e numa
qualquer outra dimensão que eu desconheço.*

*Sem ele a terra para mim deixou de ser redonda e o meu
mundo nunca mais será inteiro.*

*Mas é com ele, estranhamente, que me vejo a prosseguir
o meu caminho, surpreendida que sou com o seu
«Oi, miúda!», hoje e sempre, a cada esquina desta minha
passagem por aqui.*

ÍNDICE

Agradecimentos	5
Prefácio	9
Introdução	13
Capítulo I: A infância e a juventude	19
Capítulo II: A paixão pela rádio e pela televisão	37
Capítulo III: Um estado de alma	73
Capítulo IV: Portugal d. Z. (depois do Zip)	121
Capítulo V: O cidadão	129
Capítulo VI: O adeus às câmaras	173
Capítulo VII: O amigo	209
Capítulo VIII: O profissional e o colega	261
Capítulo IX: O sentido de humor	283
Capítulo X: O coração encarnado	313
Capítulo XI: O pai	331
Capítulo XII: A despedida	351
Capítulo XIII: E depois do adeus	367
Bibliografia e créditos fotográficos	383

PREFÁCIO

AQUELE INESQUECÍVEL VERÃO DE 1958!

Telefonou-me o meu grande amigo Germano Rego de Sousa. A Maria João Fialho Gouveia — disse-me — quer falar sobre o livro da evocação (e homenagem) ao Pai.

Claro que sim, que falava com ela.

E a Maria João não me deu dois minutos. Disparou logo: a obra nascera de um impulso seu, de um escrito traçado ao correr da pena, ganhara vulto — com o incentivo de leitores entusiasmados — e somara um sem número de depoimentos e testemunhos.

Só lhe faltavam uns parágrafos introdutórios.

Insistia em que fossem meus e entregues até ao dia 28 de Janeiro, ou seja, menos de duas semanas depois.

Pensei para comigo mesmo: mas parágrafos a dizerem o quê, se tantos e tantos outros, que melhor haviam conhecido o muito justamente evocado já teriam narrado e opinado melhor do que eu poderia fazer? O que logo confirmei, ao receber, por e-mail, a compilação quase completa.

Mas a Maria João fazia questão, com aquela força persuasiva que os filhos sempre têm quando se trata de curar da memória de seus pais.

Hesitei por uns segundos. Os suficientes para recordar — tinha eu oito anos — uma visita ao estúdio experimental montado na Feira Popular, que ficava por trás da actual Fundação Gulbenkian. Pela mão de meu Padrinho, Camilo de Mendonça, presidente da recém nascida RTP.

E lembrei também esse casal que já o era antes de o ser. A Maria Helena, a sua beleza e a sua doçura. O José Manuel, a sua alegria e a sua simpatia para com a criança que por ali estava.

Porque os acasos da vida são assim mesmo, menos de um ano volvido meus Pais alugaram uma casa para os meses de Julho, Agosto e Setembro em S. João do Estoril. Na Marginal, no sentido de quem vinha de Cascais.

De quem era o «Chalet», salvo erro de seu nome *Cesaltina*? Dos Pais de José Manuel. Na altura, eu já tinha nove anos e meio, e ouvia e acompanhava tudo ou quase tudo. Era o Verão das eleições presidenciais de 1958. Os donos da casa viviam em pequena moradia contígua à que haviam alugado. Por lá andavam o filho e a futura noiva. Que, algumas vezes, pela noiteinha, animavam cavaqueiras com meus Pais.

Assistindo eu e os irmãos mais novos, naturalmente menos atentos e interessados. Temas políticos. Eleições. Futuro de Salazar e do seu regime. Ainda retenho desses dias e semanas intensas, antes e depois das eleições, uma conversa no jardimzinho, no dia da eleição. Com o meu Pai a perguntar ao José Manuel se já havia votado. E qual era a sua sensação. Resposta — já, com multidões por todo o lado. Resultado, imprevisível. Ignorava, é claro, a ordem, de última hora, dada para a proibição da presença de fiscais da candidatura de Humberto Delgado nas mesas de voto. Era um domingo muito bonito. A conversa decorria com a proverbial boa disposição do José Manuel, a alegrar a preocupação de meu Pai. Ele, um jovem, aparentemente conservador, embora muito independente. *Rádio Universidade* e RTP, mas

sem vínculos ou peias que limitassem a sua liberdade de opinião. Meu Pai, Subsecretário de Estado da Educação, dividido entre o salazarismo de formação e a ruptura já conhecida entre Salazar e Craveiro Lopes e Marcello Caetano (a quem estava mais ligado). Dividido, também, entre acompanhar os marcelistas no distanciamento ou aceitar ficar, na Educação, ou mesmo ir para o Interior (o que minha Mãe nunca permitiria). Nessa cavaqueira, a que assisti, olhos esbugalhados, sentia-se o que é um instante histórico único, irrepetível. Qualquer que fosse o resultado afinal das eleições. Nesse dia, Portugal ficava irreversivelmente diferente.

Depois, foi o resto do Verão.

Em que tive lições de português com a Professora Cesaltina, Mãe do José Manuel. Tarde sim, tarde não, a seguir à praia, na Azarujinha — era atravessar a Marginal sem trânsito —, ao almoço e a sesta. Aí apareciam o José Manuel, e, de vez em quando, a Maria Helena. Contavam histórias de televisão, que o mesmo é dizer, em 1958, histórias de outras galáxias.

Quando partimos, em finais de Setembro, já Américo Tomaz iniciara o começo do fim do regime, meu Pai ficara no Governo por mais três anos (teimosia de Leite Pinto), meus irmãos e eu conhecêramos pessoalmente Salazar no Forte de Santo António, o meu português passara de razoável a bom, a Professora Cesaltina conquistara o nosso coração e o casal Maria Helena e José Manuel tinham-se convertido em ídolos do trio Marcelo, António e Pedro. Nunca mais deixariam de o ser, à sua maneira, independentemente das voltas da vida de uns e de outros.

Do José Manuel, que ficaria a tratar sempre por Zé, e, não muito tempo depois, por tu, a imagem desses nove anos e meio foi, sem tirar nem pôr, a mesma que dele guardei nas cinco décadas seguintes.

O homem com o maior coração do mundo. Com a maior paixão de viver. Com um sentido ilimitado de humor, que nascia

do coração enorme, do prazer de estar com os outros e de gostar deles. E de os fazer felizes. Como se nunca tivesse uma mágoa, um desgosto, uma contrariedade, uma desilusão. Vi isso, muitas vezes, mais tarde, em milhentos sítios por onde passou ou onde acompanhei, ainda que de longe, o seu percurso.

Mas o tempo da verdade foi aquele Verão de 1958. Com aquelas crianças, de nove, seis e três anos. Porque é no lidar com as crianças que se vê o que vai na alma de um então jovem de vinte e poucos anos. Ficaram esses três meses de atenção — e paciência — para três endiabrados vizinhos-inquilinos, que nunca mais esqueci. Foi a gratidão por muitos minutos de brincadeira, de histórias de encantar, de sonhos partilhados, no regresso de dias estafantes de trabalho, que pesou decisivamente no sim que eu disse à Maria João para escrever estas linhas.

Que Verão, José Manuel, o de 1958!

Tive outros, muito estimulantes, agitados, inovadores.

Nunca mais tive outro como aquele!

Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa

INTRODUÇÃO

Na pequena e nobre praia da Azarujinha, virada para a imensidão do Atlântico, passei horas e horas da minha infância e da minha adolescência. Momentos bons, momentos maus, aqui saboreei pequenas conquistas e chorei tristezas profundas. Ao longo da minha vida, era a este local mágico que os meus passos invariavelmente me encaminhavam. Há laços que nem o tempo consegue desatar. Sei que vou voltar a este refúgio sempre que o meu coração o ditar. Hoje entendo a minha estreita ligação a esta pequena enseada como um cordão umbilical que me une saudavelmente ao passado. A ele regresso com serena nostalgia, sem laivos de morbidez ou angústias saudosistas. E é sempre doce, esta visita. Nunca escondi este meu romance com o mar, com o meu mar. É que nesta praia renasço a cada dia. Talvez seja um velho pacto com a minha existência, ou somente um mero processo biológico, sem explicações metafísicas. Que importa? Não sei viver sem aqui voltar, física ou virtualmente. Ainda que caminhasse casualmente, seria inevitavelmente este o meu destino. Faço-o inconscientemente, como quem respira. No meu coração sou anfíbia, pertenço ao mar e à terra e ao recanto onde nasci.

Foram tantas e tantas as vezes que encontrei no mar o meu refúgio. E o meu refrigerio, também. Caminhava pela areia até a sentir molhada sob os pés e avistar o oceano a escassos metros de mim. Nunca enchia demasiado a vista dele — cabia sempre um pouco mais de mar no meu olhar. E como vagueava na sua vastidão, procurando captar-lhe cada detalhe! Perdia-me nele! Trocava-o pelos meus pensamentos, abrandando muitas vezes a dor que me ia cá dentro. Porque amar o mar não é uma experiência dolorosa, mas antes desejada e deleitosa. Ou não fosse este pedaço de mar, daqui até ao Guincho, salpicado de áreas verdejantes, tímidos fortes e orgulhosos palacetes, espraiaando-se, por fim, em extensos tapetes de areia fina e branca.

Pois é neste mar da Azarujinha, no leito deste meu velho amigo, que repousam as cinzas do meu pai, sobre quem escrevo esta homenagem. A ideia para o mesmo surgiu por acaso, ao sétimo aniversário da sua morte. Nesse dia, após atirar um ramo de rosas brancas, uma a uma, ao mar do Estoril, onde repousam as suas cinzas, sentei-me ao computador a escrevinhar algumas memórias. Sem dar por isso, a «caneta» foi encontrando o seu curso, e o discurso tomou forma e ganhou cor. Ainda assim, pensei que escrever um livro sobre o meu pai passado tanto tempo poderia não fazer sentido. E foi por isso mesmo, por achar que poderia ser extemporâneo, que me aconselhei (uma vez mais, como tantas fiz) com Carlos Cruz. «Acha que nesta altura este livro faz sentido, Carlos?» «Faz todo o sentido», retorquiu o meu bom amigo.

Já convicta deste projecto, decidi começar a desenhar-lhe os contornos. A obra seria a minha pequena e humilde homenagem ao Fialho Gouveia de todos os portugueses e ao Fialho Gouveia meu pai. Como tal, destas páginas constarão episódios da sua meninice e juventude, experiências da sua vasta e rica vida profissional e alguns momentos da minha vida ao lado do meu

pai. Ao meu testemunho pessoal, juntou-se um extenso rol de depoentes, os quais pronta e emotivamente concorreram com os seus depoimentos para que esta homenagem pudesse acontecer, valorizando este tributo, não pela quantidade mas sim pela qualidade das palavras expressadas em memória do meu pai. São eles (nomeados por ordem alfabética): Adelino Gomes, Alberto Madeira Miranda, Alfredo Tropa, Alice Vieira, Álvaro Malta, Álvaro Siza Vieira, Ana Paula Reis, Ana Zanatti, António Antunes, António Augusto Serra Lopes, António Fortuna, António Homem Cardoso, António Leal, António-Pedro Vasconcelos, António Ramalho Eanes, António Victorino D'Almeida, Apollo, Artur Jorge, Bernardo Capucho, Camilo de Oliveira, Carlos Alberto Moniz, Carlos Avillez, Carlos Cruz, Carlos do Carmo, Carlos Guilherme, Carlos Mendes, Carlos Monjardino, Carmen Dolores, David Almeida, Eládio Clímaco, Eunice Muñoz, Eusébio, Fernando Carvalho Rodrigues, Fernando Tordo, Francisco Fanhais, Francisco Nicholson, Glória de Matos, Graça Cravinho, Hélder Costa, Henrique Feist, Herman José, Hugo Maia de Loureiro, Humberto Coelho, Inês Serra Lopes, Irene Carrapiço, Isabel Gomes, Jaime Fernandes, Janita Salomé, João Braga, João Cravinho, João Cutileiro, João David Nunes, João Malheiro, João Paulo Guerra, João Soares, Joaquim Furtado, Joaquim Pessoa, Jorge Palma, José Augusto, José Barata-Moura, José Cristiano Ferra de Sousa, José Fanha, José Jorge Letria, José Nuno Martins, José Raposo, José Ribeiro, Júlio César, Júlio Isidro, Lucinda Almeida, Luís Aleluia, Luís Andrade, Luís Arnaut Pombeiro, Luís Filipe Vieira, Luís Nazaré, Madalena Iglésias, Manoel Caetano, Manuela Capucho, Manuela Freire, Manuela Machado, Manuela Maria, Manuel Cargaleiro, Manuel Freire, Marcelo Rebelo de Sousa, Maria do Amparo, Maria da Fé, Maria Helena Varela Santos, Maria João Seixas, Maria José Valério, Mário Soares, Mário Zambu-

jal, Miguel Capucho, Miguel Villa, Nuno Gomes dos Santos, Nuno Nazareth Fernandes, Nicolau Breyner, Paulo de Carvalho, Paulo Fialho Gouveia Joseffson, Paulo Morais, Pedro Barroso, Piedade Maio, Ricardo Carriço, Rita Salema, Rosália Mendes Bastos, Rui Mendes, Ruy de Carvalho, Samuel, Serenella Andrade, Simone de Oliveira, Teresa Olga, Teófilo da Silva Bento, Toni, Tonicha, Tozé Martinho, Vasco Hogan Teves e Vasco Morgado Filho.

Propus-me, assim, com a singular cooperação de personalidades e anónimos — anónimos para muitos, mas não para o Zé Fialho —, prestar ao meu pai este singelo tributo, e revelar o outro lado do homem que foi autor, apresentador e produtor de tantos programas de rádio e de televisão — a quem devotou a sua vida desde 1957, até esta dele se esquecer. Mas o meu pai sobreviveu-lhe e continua vivo na memória de muitos.

Fialho Gouveia: Biografia Sentimental não é um livro de escândalos, nem de maldizer. O meu pai abstinha-se de dizer mal e eu aprendi-lhe a mesma postura. É esta a nossa forma de estar na vida e de por ela passar. De fora ficarão as intrigas e algumas verdades inconvenientes. Não deixarei, no entanto, no âmbito do exercício da sua profissão, de relatar algumas situações revestidas de polémica. Assim como não me absterei de abordar com detalhe a última cruzada do meu pai: a defesa de Carlos Cruz.

Falar do meu pai é sobretudo falar de afectos. É falar de risos, de sorrisos. É falar de lágrimas. É lembrar o homem e simultaneamente evocar o profissional, já que é impossível dissociar um do outro — Fialho Gouveia, o homem, viveu toda uma vida com paixão; e Fialho Gouveia, o profissional, viveu a sua profissão com toda a humanidade. Falar o meu pai é falar de televisão e de rádio. É falar do Benfica. É falar de Fórmula 1. É falar de política e de cultura. É falar de amizade e de família. Falar

do meu pai é falar com solidariedade. É falar do 25 de Abril. É falar de liberdade. Falar de José Manuel Fialho Gouveia é apaixonante e comovente. Recordar o meu pai é celebrar a vida.

Chamaram-lhe ternurento — e estavam certos. O meu pai era uma das melhores e maiores pessoas que conheci ao longo destes meus 51 anos. Tinha um gesto muito seu: o de fazer uma festa no rosto a familiares, amigos chegados e mesmo admiradores anónimos, que faziam parte do seu público que tanto estimava... Estranhamente, dei comigo a copiar-lhe o gesto nas suas cerimónias fúnebres... Com a partida do meu pai, a 2 de Outubro de 2004, o meu universo perdeu forma e grandeza. Atravessei dois anos de depressão profunda e tive dificuldade em aceitar a sua morte. Não mais vivi momentos de felicidade plena, porque o meu pai não estava lá. Mas reergui-me e hoje, quer seja fruto da minha imaginação ou uma realidade transcendente, sinto-o mais perto. Não acredito em deus algum, nem sei se a vida continua para lá desta existência, mas se por algum olímpico feito o intelecto sobrevive à matéria, é nessa dimensão, certamente, que hoje o meu pai habita.

Mas, a verdade é que sinto a sua falta. Sinto falta da sua voz. Sinto falta daquele sorriso aberto e acriançado, das gargalhadas sonoras, dos seus abraços, das suas críticas, do orgulho que sentia com cada conquista dos seus filhos. Sinto falta de com ele poder comentar a actualidade, de com ele criticar ou elogiar os políticos, de com ele acompanhar cada campanha e cada resultado eleitoral. Sinto falta do 25 de Abril que ele trazia na alma! Sinto falta de com ele recordar velhos episódios divertidos ou emocionantes. Sinto a falta do «Oi, miúda!», com que habitualmente me cumprimentava. Sinto muita falta dele quando o Natal se aproxima e a nostalgia, dada a sua ausência, se apodera de mim. Sinto falta de o ver na televisão — vale-me a RTP Memória, que lá vai colmatando esta falta, mas que é

insuficiente para matar as saudades. Tão-pouco as fotografias que dele guardo chegam para suavizar a sua falta. Porque não há passagem do tempo que nos faça deixar de sentir falta!

São muitas as memórias que dele guardo. A mais antiga é a imagem dele, a preto e branco, no ecrã da nossa velha televisão. Depois, vejo-o a remar num barquito a remos, no Campo Grande, a minha mãe de lenço na cabeça e eu e o Paulo, o meu irmão mais velho, junto deles — eu de touca de veludo azul escura, ele de boné castanho. Passo depois até Vila Real de Trás-os-Montes, a que ele nos levava, ainda crianças, para assistir às corridas de carro de que tanto gostávamos. Viajo então com ele Alentejo fora, rumo a Espanha e à Sierra Nevada, onde celebrámos uma passagem de ano, tinha eu uns 11 anos. E quantos verões partilhámos nós no Algarve?! É que as fotografias, leva-as o vento, mas as memórias perduram e não se desfazem. E as lembranças que preservo do meu pai são melhor herança que um filho pode ter!

O meu pai partiu, mas o seu legado permanece, humano e profissional. É esse que pretendo aqui perpetuar. E assim, na esperança de o conseguir homenagear condignamente, dedico-lhe esta obra, feita de momentos da sua preenchida vida. Este livro é para o meu pai querido, que me ensinou a sorrir nos momentos difíceis. Que me ensinou ainda a cidadania, a solidariedade, a amizade e, sobretudo, o amor fraterno. E muitas mais coisas me ensinou, coisas de pai para filha, mas essas guardo-as só para mim.

Maria João Fialho Gouveia

CAPÍTULO I

A INFÂNCIA E A JUVENTUDE



Testemunhos neste capítulo: António Augusto Serra
Lopes, Apollo, Cesaltina Fialho Gouveia, João Cravinho,
José Cristiano, Maria Helena Varela Santos e Rosália
Mendes Bastos.

- ◀ José Manuel Fialho Gouveia em criança, acompanhado pela mãe, Cesaltina,
e por uma amiga.

CAPÍTULO I

A INFÂNCIA E A JUVENTUDE

«E, dobrando temerariamente este Cabo das Tormentas de fazer ouvir em público a sua voz, José Fialho Gouveia anunciava de forma ainda escusa a descoberta do novo mundo da comunicação, que viria a revelar-se o cabo da sua Boa Esperança.»

José Fialho Manuel Bastos Gouveia nasceu a 30 de Abril de 1935, no Montijo, chamava-se esta ainda Aldegalega. Foi o único filho de Cesaltina Mendes Bastos Fialho Gouveia e de Álvaro Fialho Gouveia. Ela era uma mulher cheia de vida, alegre, descontraída, de um riso contagiante e sorriso aberto; o avô Álvaro, embora senhor de um requintado sentido de humor, era um homem de olhar triste, muito adoentado e de uma rectidão matemática e prístina. Álvaro era filho único; Cesaltina tinha seis irmãos, dezenas de primos e vários sobrinhos, como a querida Rosália Mendes Bastos — filha do seu irmão José —, que nascera com poucos meses de diferença do pequeno Zé, tendo vindo os dois a crescer juntos e como irmãos inseparáveis. Uma união que começara antes mesmo dos pequenos serem gente, com as mães, recorda Rosália, «grávidas ao mesmo tempo. Fizeram o enxoval juntas. A tia Cesaltina queria muito um menino, enquanto a minha mãe, Elvia, desejava uma menina. Quando eu nasci, a tia Cesaltina disse para a minha mãe: “Ai, Elvira, tens a vontade feita!” E a minha mãe respondia-lhe: “Também tu a hás-de ter, Cesaltina!” E depois nasceu o Zé.

A minha mãe diz que ele era muito magrinho, muito pequenino, que nem pulsos tinha!» Dizia-me a minha avó que pesava somente dois quilos e meio. Dois quilos e meio de gente que um dia o país viria a venerar!

A mãe Cesaltina era uma mulher emancipada do seu tempo, que fez em Lisboa — numa altura em que era raro as mulheres seguirem estudos superiores — o curso do Magistério Primário. Já formada, enquanto o marido, Álvaro, trabalhava nos escritórios da CP, em Lisboa, foi colocada em distantes localidades da província alentejana e do Norte do país, onde se fez sempre acompanhar pela mãe e pelo filho. Foi assim que o pequeno José Manuel deu os primeiros passos no calor do Baixo Alentejo, em S. João dos Caldeireiros, para onde a sua mãe fora destacada. Foi também ali que o futuro comunicador começou a falar e quis o destino que o tivesse feito com sotaque alentejano. *Assomar à janela* e *escolatêra* foram algumas das suas primeiras palavras.

Depois Cesaltina ainda deu aulas em Caxarias, no distrito de Leiria, sempre com o meu pai e com a sua mãe, a avó Águeda. E, de quando em quando, lá encontrava tempo para vir ter com o marido e para ir ao Montijo, sua terra natal, visitar a família. Filha mais nova de uma numerosa prole, a professora havia sido praticamente criada pela sua irmã mais velha, a tia Constância, mãe da Emília — pouco mais nova do que ela —, a quem Cesaltina passou igualmente a considerar como uma irmã. Também muito próximos — na idade e na amizade — viriam a ser os seus respectivos filhos, o Zé Manuel e o José Cristiano Ferra de Sousa, que recorda com graça um dos muitos momentos que viveram juntos: «Lembro-me da casa da avó Jacinta, no Montijo, que era uma casa grande, na Rua Cândido dos Reis, com a habitação por cima e uma tabacaria no rés-do-chão. Eu e o Zé tínhamos saído para comprar um gelado. Mas ele caiu e começou a chorar — não por o gelado lhe ter caído, mas sim por ter

feito uma ferida e visto sangue! O Zé não podia ver sangue!» Com efeito, o pavor do sangue e o temor das doenças eram características axiomáticas do meu pai, devidas, talvez, ao facto de o meu avô sofrer de uma saúde algo debilitada. De tal atesta a história do braço que partiu na sua infância. «E quando o teu pai partiu um braço, a tua avó nunca te contou?», inquirir-me-ia a minha mãe, Maria Helena Varela Santos. «Não se foi de bicicleta, mas caiu e partiu um braço. Então [a minha avó] levou-o ao hospital e ele veio para casa com o braço engessado. Entretanto duas colegas da avó foram lá casa e estavam de conversa. A tua avó começa a explicar-lhes como o pai partira o braço e nisto ouve-se “pum” — era ele que estava a ouvir o relato e desmaiara.»

Bom, facto é que, uma vez conseguida uma colocação de Cesaltina na Linha de Cascais, os Fialho Gouveia instalaram-se no Monte Estoril e depois num apartamento na Avenida Marginal, em S. João do Estoril. José Fialho Gouveia, então com cerca de 8 anos, encontrava assim aquela que viria a considerar a sua terra: o Estoril. Rosália, a sua eterna irmã de coração, guarda da infância as memórias «dos dias em que nos juntávamos em casa da avó Águeda, comigo, com outros primos. Depois, quando foram viver para o Monte Estoril eu ia lá passar uns dias a casa, porque a tua avó Cesaltina gostava muito que eu lá fosse ter com ele; gostava muito que ele tivesse companhia. Corríamos aquela avenida toda! E como ele gostava de Direito, brincava sempre às audiências, em que ele ou era o advogado ou o juiz. O Zé era para mim um primo-irmão.»

Era numa escola do Estado em Alcabideche que nesse tempo a professora Cesaltina leccionava. Paralelamente, dava aulas particulares a alunos de proeminentes famílias locais, como aos Figueiredo, aos Carvalho e Silva, aos Roquette, entre outros. Na verdade, Cesaltina tornar-se-ia tão conhecida como professora

no concelho de Cascais que, em certa ocasião, décadas mais tarde, percorria eu a Rua Direita em Cascais com o meu pai quando ouvimos alguém dizer: «Olha o filho da D. Cesaltina!» Mas recuando de novo no tempo, foi na Escola Primária de Alcabideche, onde a minha avó leccionava, que o jovem Zé Manel fez parte dos seus estudos primários. Os tempos livres passava-os ora ali, enquanto a mãe dava aulas, ora no Estoril, na companhia de outros rapazes, como o Apollo — com quem mais tarde se voltaria a cruzar no meio artístico e que ficaria conhecido como Apollo, fotógrafo de artistas —, que confessou: «Até há bem pouco tempo não sabia porque é que lhe chamávamos Tino, mas depois descobri que era porque a mãe se chamava Cesaltina. Quando ela ia dar aulas em Alcabideche na escola ao pé dos bombeiros, nós estávamos cá fora a brincar — eu, ele, o Roquette (que era filho do senhor que fazia lá os moinhos de vento para tirar água e etc.) e outros mais, enfim, a rapaziada lá de Alcabideche. Jogávamos à bola cá fora, a fazer horas para o Tino depois seguir com a mãe. Brincávamos muitas vezes à bola, ao berlinde, a esses jogos que a miudagem jogava então. E ao botão, em que íamos perdendo e arrancando os botões porque tínhamos de pôr mais!

Depois deixei de o ver porque entretanto eu entrei no jornalismo em Lisboa, ia e vinha todos os dias de moto e já não dava para estar com eles. Depois eu viria a trabalhar num jornal amador da Costa do Sol, *O Regionalista*, cujo director, o Dr. Alberto Pimental, era também director do jornal *A República*, que havia nessa altura e que era contra o regime de Salazar. Portanto, quando o jornal saía eu era normalmente preso. Nisto, corria o ano de 1953, estava eu fazer uma reportagem sobre o Carnaval na Plage — a Plage era o Estoril-Praia, à beira-mar da Avenida Marginal, no Monte Estoril —, na qual havia duas grandes salas onde se fazia um bailarico muito grande. Lisboa

quase se deslocava para lá, porque de facto as maiores noites de Carnaval ali eram de longe superiores a quaisquer outras em Lisboa! E estava lá a fazer entrevistas com várias pessoas quando o Godas — ou seja, o Godinho, que era de um dos directores da sala de jogos do Casino — me diz assim: “Porque não entrevistas também aquele meu amigo que está ali, que é um rapazinho muito inteligente, anda a estudar, e tal?” Disse maravilhas dele. “Está bem!”, respondi eu. “Como é que ele se chama?”, quis saber. “É o Tino!”, respondeu-me ele. “O Tino?” Já não o via há tanto tempo que não o tinha reconhecido. Ele de facto ainda estudava, teria eu os meus vinte ou vinte e poucos anos e ele uns dezoito anos, mais coisa menos coisa. Fomos lá para um cantinho e eu entrevistei-o, com um gravador a pilhas — isto foi mais ou menos em mil novecentos e carqueja. Deve ter sido a primeira entrevista que ele deu!»

Ora, a minha avó era uma mulher divertida, mas o avô Álvaro era melancólico e algo parcimonioso. Dessa sua conduta resguardada testemunha o relato de adolescência do primo José Cristiano, aquando de uma estadia no reduto estorilense da família, de que o seu tio Álvaro «tinha comprado um relógio de pulso para o Zé Manuel com a venda do relógio de ouro do seu pai. Certa vez, no Estoril, íamos nós a sair, o teu avô perguntou ao Zé se ele não ia pôr o relógio. O Zé respondeu que não. “Então é melhor pô-lo em cima da cama”, respondeu o tio Álvaro, “que ao menos assim fica seguro!”».

Entretanto, Álvaro formara uma sociedade de comércio de mármore e os Fialho Gouveia mudavam-se para uma vivenda na Avenida Marques Leal. Seria aí, com o cheiro do mar, que José Fialho viveria alguns dos momentos mais importantes da sua vida, como a sua entrada na televisão, a criação dos seus maiores êxitos televisivos, os seus dois casamentos — primeiro com Maria Helena, também locutora da rádio e televisão; depois, com Maria

Beatriz, secretária e empresária — e o nascimento dos seus três filhos, Paulo, Maria João e José Eduardo. Por sua vontade, como deu a entender o meu padrinho, Serra Lopes, o Zé Fialho teria vivido no Estoril a vida inteira, visto ser «um conservador que gostava do seu cantinho». Cantinho de que sempre desfrutou intensamente, porque, como diz a minha mãe, o meu pai vivia o Estoril! «Mal chegava a Março já ele ia para a praia. E até durante o Inverno, mal houvesse um raio de sol! Ele adorava o mar! Juntava-se com os amigos no Tamariz, onde íamos muito também no Verão, antes de casar. Depois de casados passámos a ir às praias da Azarujinha, da Possa e de Carcavelos, porque já éramos conhecidos e o teu pai preferia sempre passar despercebido, e o Tamariz era mais frequentado. E foi pelo Estoril-Praia, na categoria de individual júnior, que se veio a sagrar campeão de Ténis de Mesa!»

Era nessa modalidade que o seguia igualmente Serra Lopes, que «também jogava, mas perdia sempre. Era ele e o Rosendo, cujo pai tinha uma sapataria lá no Monte Estoril. O teu pai jogava excelentemente. Ele, aliás, limpava-me o sebo em quase todas as coisas. No xadrez e no pingue-pongue não havia dúvida nenhuma; só não me batia no futebol, em que ele não jogava nem se metia. Ao domingo — domingo sim, domingo não — íamos sempre ao futebol, ver o Estoril-Praia. Éramos sócios. Eu vi sempre com grande desgosto que ele fosse do Benfica, porque eu sou do Sporting.» Um diferendo que nunca interferiu naquela que viria a ser a mais longa e apegada amizade do meu pai. Com efeito, de todos os seus camaradas de meninice António Augusto Serra Lopes é aquele cujos laços de estima se perdem no tempo. Conheciam-se desde a infância, dos convívios de criança dos Salesianos do Estoril e mais tarde do Liceu D. João de Castro, que ambos frequentaram. Juntos estudaram; juntos concorreram a certames de rádio. E nem mesmo quando

as suas vidas tomaram rumos profissionais diferentes — Serra Lopes seguiu direito e o meu pai abraçou a comunicação — os dois amigos deixaram de o ser.

É um manancial de histórias que faz parte do património de memórias que o meu padrinho recorda com ternura e humor:

«Conheci o teu pai naquela zona do Estoril. Os convívios dos fins-de-semana e dos tempos de lazer passavam-se nos Salesianos, porque os Salesianos tinham campo de futebol, tinham lá o teatro, faziam peças, etc. E por isso os miúdos de todas as escolas convergiam lá para os Salesianos, onde a gente se encontrava. Uma coisa que eles exigiam era um *gajo* ir à missa ou rezar o terço, mas em contrapartida tínhamos direito a equipas, bola de futebol, campo, árbitro. E quando fomos para o liceu havia uma grande fraternidade, que era a fraternidade do comboio. A malta tinha os mesmos horários no liceu e tínhamos de apanhar os mesmos comboios, de maneira que de manhã entrava a malta de Cascais, depois a malta do Estoril, a malta de Oeiras, etc. Estávamos sempre juntos e íamos para o D. João de Castro, na Junqueira, onde fica hoje a Universidade Lusíada, logo no primeiro ano, tínhamos nós 10 ou 11 anos. Apanhávamos o comboio das oito e meia e depois era chato porque a Junqueira é equidistante de Belém e de Alcântara; e portanto nós tínhamos duas hipóteses: ou ficávamos em Belém e íamos a pé — o que era um quarto de hora de caminho — ou saíamos em Alcântara e apanhávamos o autocarro.

Eu era o amigo mais antigo que o teu pai tinha. Foram 60 anos de amizade! Do ponto de vista de antiguidade, era o seu grande amigo. Identificávamo-nos. Vivíamos na mesma região, estudámos no mesmo liceu, andámos sempre juntos, e juntos fazíamos aquelas rambóias.

Vou contar-te duas histórias muito giras do teu pai. Eu gostava muito do teu avô, o Sr. Álvaro Fialho Gouveia, que era um homem muito cuidadoso, muito regrado, muito disciplinado. Ele tinha uma

firma que era a F. Gouveia, que negociava em mármore — era ali na Avenida Infante Santo. Normalmente as aulas no liceu acabavam por voltas das três e meia, quatro horas. Eu e o Zé Fialho apanhávamos o comboio em Alcântara e o teu avô costumava vir ao comboio — porque saía mais cedo, visto ser sócio e não ter horários —, à estação do Estoril, esperar-nos. Porque eu morava mesmo no Estoril e o teu pai morava no Monte Estoril. O teu avô ia esperar o filho porque o teu pai era um borgas!... Tinha um sentido de borga! Em tudo o que fosse borga ele metia-se. Eu era muito mais atiladinho do que ele. E o teu pai fumava sem o teu avô saber. E então no comboio andava sempre um *gajo* que vendia uns caramelos americanos — 6 caramelos a 5 tostões, 12 caramelos a 10 tostões. E nós quando tínhamos massa eram 6 caramelos. E um dia o teu pai perguntou-me: "Tens aí cinco tostões?" E eu respondi-lhe: "Acho que tenho." "É que estou teso. Dá-me aí cinco tostões." E eu dei-lhos. O teu pai pegou no caramelo — aquilo eram umas coisas enroladas, feitas em casa — e havia uns que era cada cor seu paladar, de frutas. E o teu pai come um de limão, depois come um segundo, novamente de limão. E diz-me: "Estou à rasca porque quando chego lá à estação o meu pai cheira-me o hálito para ver se estive a fumar." Por isso, o teu pai começava a comer caramelos em Carcavelos na esperança de que disfarçassem o cheiro a tabaco.

A segunda história é a seguinte. Eu e o teu pai sempre gostámos muitos de engenhocas. Nessa altura, tínhamos nós uns 14, 15 anos, apareceu uma coisa. Eu tinha uma gilete para fazer a barba, e o teu pai, que era peludíssimo, um dia diz-me assim: "Eh, pá, tu sabes que o Zé Covas tem lá uma máquina de barbear? Uma coisa eléctrica, que é bestial!" Ficámos os dois encantados, que aquilo era uma novidade. Qual *iPad*, qual *iPhone*! Uma máquina de barbear eléctrica, pequenina, num estojo. Da *Philips*. E o teu pai começou a chatear o senhor Álvaro para comprar uma. Mas o teu avô disse: "Não compra coisa nenhuma, que a máquina custa um dinheirão!" — o teu avô e

a tua avó falavam à montijense, que parecia meio alentejano. E o teu pai ia-me contando: "O meu pai agora foi lá falar à loja e a máquina é cara para burro, custa 50 escudos!" Era um estabelecimento de artigos eléctricos que havia ao fundo das arcadas, chamava-se Electrometalúrgica do Estoril. E o Zé Covas é que tinha lá o estu-
por da máquina. E então o Senhor Álvaro Fialho Gouveia andou a pensar e um dia o Zé Fialho vem ter comigo e diz assim: "Sabes que o meu pai me deu a máquina?" Mas não me disse como é que a tinha dado. O teu avô tinha-lhe feito uma consignação do rendimento, dizendo-lhe que lhe comprava a máquina, mas, como o pai lhe dava uma mesada, disse ao Zé que ele teria de fazer um sacri-
fício, para sentir o peso da responsabilidade, e pagar as prestações dessa mesma mesada.

Nisto, o senhor Álvaro Fialho Gouveia, que por vezes tinha con-
versas secretas comigo, confidenciou: "Ó António Augusto, o Zé anda por maus caminhos." Eu neguei-o: "Não anda, não." Mas o teu avô repetiu: "Anda por maus caminhos. Sabes o que é que o ma-
landro me fez? Vê lá tu que eu fui falar com o Zé Covas — que era o dono da loja — e disse-lhe que queria comprar uma máquina de barbear para o meu filho. Porque ele tem já muita barba e dava-lhe muito jeito. Mas queria ver se ele vendia a prestações. O Zé Covas respondeu que sim, que vendia a prestações de cinco escudos por mês." E o teu avô explicou-me: "E depois sabes o que é que eu fiz, António Augusto? Como dou uma mesada ao Zé, disse-lhe: com-
pro-te a máquina, mas tu é que pagas as prestações com a tua me-
sada! E ele esqueceu-se de pagá-la!" É claro que de vez em quando lá faltavam cinco paus ao Zé Covas!»

E foi igualmente à mãe que o meu pai foi buscar o *petitnom* de Tino, devido ao facto de os seus colegas e amigos acharem graça ao nome carinhoso pelo qual Álvaro tratava Cesaltina: *Tinoca!* E ao qual a Cesaltina respondia com outro igualmente

terno: *Varecas!* Os pais de José Manuel viviam, com efeito, um casamento muito feliz. Nunca discutiam, embora fosse claramente a professora quem «vestia as calças» e andavam sempre de mãos dadas. Já o Zé era um pinga-amor, passando de paixoneta em paixoneta na sua juventude; ora platónica, ora real. Quem o conta é António Augusto, que lembra que o meu pai «conheceu a tua mãe na televisão», mas que era pródigo em derriços: «As paixões do teu pai!... No Largo de Ostende havia uma farmácia, e o ajudante de farmácia que lá estava era o pai da Dina. E o Zé Fialho andava apaixonado pela Dina. Tinha ele uns 14, 15 anos. O nosso grupo e então era o Zé, eu, o Zeca Flores — por alcunha, o *Xé Xé*, que já morreu há muitos anos... Bom, sei que a certa altura nós começámos a corresponder-nos com o teu pai, escrevendo o teu pai as cartas para a Dina e nós respondendo em nome dela. E a certa altura dizíamos: “Olha, o meu pai e a minha mãe vão sair à noite, portanto se tu quiseres cá vir a casa...” E convencemos o Zé Fialho a ir lá. Fomos todos — nós andávamos em bando! Éramos tribais! Andávamos sempre em grupos de quatro — para o Largo de Ostende. Disfarçámo-nos, fazíamos de conta que estávamos a arranjar um pneu de um camião, e o Zé Fialho ia para baixo da janela assobiar para a Dina, que não sabia de nada! O Zé estava convencido de que tinha uma correspondência amorosa com a Dina, mas era connosco! E é claro que não apareceu ninguém. Entretanto, o teu pai teve uma paixoneta pela cantora Fátima Bravo. Havia um café que tinha uma *jukebox* e, quando o Senhor Álvaro lhe dava a mesada, o Fialho ia lá para o café e punha músicas dela a tocar. Às tantas já não as podíamos ouvir!»

Mal deixou os bancos da escola, o jovem Zé passou então a frequentar o Liceu D. João de Castro, onde foi colega de António Augusto e de João Cravinho. Ali foi aluno de quadro de honra — orientado, naturalmente, pela mãe Cesaltina que, como

professora que era, dava grande importância aos estudos. Isto é recordado por Serra Lopes, que andava então no sétimo ano, «e o teu pai no sexto. E durante uns anos o teu pai limpava-me por todos os lados! Estava sempre no quadro de honra! No fim do ano lá estava o nome dele: José Manuel Bastos Fialho Gouveia! E lá ia ele ao reitor receber um livro, enquanto a tua avó teve mão nele!... Obrigava-o a estudar!»

Esse seu percurso académico de aluno observador e alegre foi também testemunhado pelo engenheiro João Cravinho, colega de carteira do meu pai no Liceu D. João de Castro. Conheceram-se logo no primeiro dia, ia o jovem Zé Fialho Gouveia acompanhado do meu avô Álvaro. Quis o destino que calhassem os dois na mesma turma: «Foi o primeiro colega que eu conheci quando entrei no liceu. No dia em que começaram as aulas, fui para o liceu e estava o seu pai acompanhado, suponho que pelo pai dele, à entrada do pátio do D. João de Castro, que na altura era na Junqueira. Eu estava sentado num parapeito, num pequeno murete, que dava entrada no pátio através de umas escadas. E ele também estava por ali. Como era natural nessas alturas, observávamo-nos, e o seu pai estava com cara de pessoa um pouco desconfiada daquilo tudo. E eu também devia estar, aquilo era tudo novo. E à volta havia muito movimento, naquela zona de concentração de novos alunos que deviam estar a iniciar a sua actividade no liceu, tal como nós. Logo a seguir, quando fomos colocados em turmas, calhou precisamente irmos para a mesma turma. E foi como que uma redescoberta, como se já nos conhecêssemos de algum tempo, porque todos os outros eram estranhos e eu e o seu pai já tínhamos estado uma hora ou mais um face ao outro. Estivemos na mesma turma durante vários anos e fomos colegas de carteira, não sou agora capaz de precisar mas suponho que deva ter sido a partir do terceiro ano. E enfim, mantivemos uma grande amizade.

Mais tarde, quando acabou o liceu, ele era um homem com um grande dinamismo, muito aberto às novas oportunidades que surgiam, sobretudo na rádio. Já naquela altura ele era um indivíduo muito mexido e suponho que de certo modo activo em experiências aqui em Cascais. Ele vinha do Estoril e os alunos que viviam na Linha do Estoril chegavam em grupo para apanhar o comboio; creio que nessa altura teria havido aqui na linha várias actividades lúdicas realizadas por jovens, e salvo erro o seu pai estava a acompanhá-las. Foi assim que o conheci, foi assim que convivi com ele durante bastantes anos — os anos da escola, pelo menos até ao quinto ano, de certeza. Depois disso eu estava em ciências, e ele não estava lá; portanto é possível que tenha ido para o Pedro Nunes.» E seria para o Liceu Pedro Nunes que o meu pai seguiria depois do D. João de Castro, no qual teve por professor Rómulo de Carvalho, que lhe ofereceu a sua *Antologia Poética*, por si autografada.

Reza, de acordo com este notável engenheiro e político, que o meu pai era um aluno razoável: «Um rapaz inteligente, fino. Isto é, há pessoas que são trabalhadoras, que têm uma espécie de força de base com a qual se vão governando a abrir caminho, digamos assim, musculadamente; o seu pai não. O Fialho não era assim. O Fialho era um indivíduo subtil, fino, bastante intuitivo. E sobretudo, mantinha um equilíbrio bastante razoável no seu percurso académico. Não era um marrão. Era um indivíduo muito jovial. E, como deve calcular, aquelas viagens de comboio — eu não a fiz, porque não morava lá, mas ouvia descrições — não eram lá muito sossegadas. Depois havia já raparigas... Não eram mais do que namoricos de período, de três, quatro meses.»

Posteriormente, apesar dos distintos caminhos que trilharam, sempre prevaleceu entre ambos um espírito de respeito mútuo. E muito embora partilhassem ideais políticos, foi na amizade

que se encontraram vida fora: «Depois fomo-nos encontrando. Nessa altura o mundo era bastante mais pequeno do que é hoje. Lembro-me, por exemplo, estava eu no Técnico, houve um jogo, salvo erro de voleibol, e quando olho para o ginásio estava cheio, e vejo o seu pai a acompanhar o jogo profissionalmente, ou pelo menos como se fosse profissional. Isto, repare, já tinha eu uns vinte anos — a mesma idade que ele —, portanto, teriam passado já uns três ou quatro anos depois da saída do liceu. E foi uma grande alegria! Eu chamava-lhe, como muita gente, o Fialhote! Seria talvez para a *Rádio Universidade*. Para que ele lá estivesse eu acho que seria um campeonato universitário.»

Porém, consta que, quando se aproximou o momento de escolher o seu futuro, o meu pai hesitou. Quando «ele chegou a uma certa altura entrou num completo delírio!», reporta António Augusto. Andava o seu amigo de sempre «um ano à frente»; ou seja, Serra Lopes entrou para Direito um ano antes de quando era suposto o meu pai «entrar para Letras, para germânicas, por isso é que ele precisava do alemão e do latim, que eram disciplinas nucleares. O teu pai andava muito desorientado quanto à profissão que escolher. Eu acho que a D. Cesaltina é que o tentava orientar. Naturalmente devem ter tentado orientá-lo para Direito, mas ele deve ter achado que aquilo era uma estucha. A D. Cesaltina era professora e tinha método, de tal forma que ele foi o melhor aluno da turma, do primeiro ao quinto ano do liceu. No fim do ano havia sempre uma cerimónia com distribuição de prémios aos alunos — livros de Alexandre Herculano, *O Bobo*, *A Dama do Pé-de-Cabra* — e o Fialho “mamava” quadros de honra, uns a seguir aos outros! É porque ao teu pai, entre os 13 e os 15 anos, quando lhe veio a barba que ele depois cortava com a tal máquina de barbear, passou-se uma coisa: ele estava sob a orientação dos pais, só que a determinada altura deixaram de ter mão nele!»

Facto é que, algures, latente — aliado a uma assumida vocação para a folia —, escondia-se no jovem Fialho um talento inato e desconhecido que viria a pautar toda a sua existência. E essa veia artística cedo se anunciou, com Zé a concorrer a certames culturais, como evoca Zé Cristiano, que recorda o facto de o primo ter participado «muitas vezes nos Jogos Florais do Estoril-Praia, com poesias que escrevia e declamava. É que quem participava tinha direito a ir à festa!...»

E então surgiu a *Rádio Universidade*, onde o meu pai daria os primeiros passos naquela que viria a tornar-se a entrega da sua vida. Os dois amigos inseparáveis aventuraram-se junto nessa odisseia, inscrevendo-se os dois. «Fizemos provas para locutor. Eu lembro-me de que uma das provas era presidida pelo Adolfo Simões Müller, de quem a tua mãe é capaz de se recordar. Era um tipo conhecido, dirigente da *Emissora Nacional*. Ele fazia parte do júri para locutores. A *Rádio Universidade* era emitida pela EN, entre as 7 e as 9 da noite, e portanto eles admitiram locutores. E eu concorri com o Fialho. Uma das provas era inventar uma reportagem, e nessa ambos passámos. E depois a prova seguinte era ler um texto ao microfone. Eu não fazia a mais pequena ideia de como fazê-lo, nem sabia o que era a minha voz, fui lá e o Adolfo Simões Müller chamou-me e disse: “Olha, tu gostavas de ser locutor?” E eu respondi: “Gostava!” E ele respondeu: “Então arranja outro emprego, tens voz de porco!” Disse-o na brincadeira, claro, mas a verdade é que fui eliminado. O teu pai passou!

Como te digo, as diversões de então eram muito pobres. E havia duas coisas que eram popularíssimas: uma era um pas-satempo da APA, e outra era O Comboio das Seis e Meia, de Igrejas Caeiro — o teu pai entrou nos concursos do Igrejas Caeiro. As matinés da APA eram às 7 da noite; o programa do Igrejas Caeiro, às seis e meia. Mas o que era a APA? Era a Agência de Publicidade Artística, onde estava o Olavo d’Eça Leal. Era

particular, do *Rádio Clube Português*. E então a APA fazia sessões em directo, um *show*, com público, num teatroco para 100 ou 200 pessoas, todas as segundas-feiras, que eram celeberrimas. E a gente andava a meter cunhas para ir à APA. O Zé participou em diversas coisas. Do arsenal do teu pai fazia parte o poema “Vida”, do livro *Só*, de António Nobre, que o Zé fazia especialmente bem. O teu pai foi ao concurso que a APA organizou durante dois anos. A gente inscrevia-se e ia, eu também fui lá. Mas aquilo era por votações e eu fui “cuspido”. Também declamou “O Noivado do Sepulcro Soares dos Passos”, que era romantismo chapado do século XIX.

Entretanto, o Igrejas Caeiro tinha sido expulso da *Emissora Nacional*, onde era locutor, porque era uma rádio pública do Salazar, como todos os órgãos da ditadura. Ora o Igrejas Caeiro era um socialista, sempre foi. E a certa altura houve a invasão de Goa pelo Nerú, e o Igrejas Caeiro, numa entrevista, quando lhe perguntaram qual era o homem que ele mais admirava na política contemporânea mundial, respondeu “o Nerú”, que era o primeiro-ministro da Índia nessa altura, um pacifista sucessor do Gandhi e a favor dos movimentos pacifistas. E o Salazar mandou pô-lo na rua. Mas o Igrejas Caeiro era um tipo cheio de talento, casado com a actriz Irene Velez — filha de uma outra actriz que era a Elvira Velez, participante num programa na *Emissora Nacional*, que era popularíssimo, O Zequinha e a Lelé, com o Vasco Santana. O Zequinha era o Vasco Santana e ela era a Lelé. O Vasco Santana, que na altura estava casado com a Mirita Casimiro, vivia lá no Estoril, e tinha dois cãesinhos daqueles salsichas pequeninos, o macho chamava-se *Whisky* e a fêmea chamava-se *Soda*. Nunca mais me esqueci!

Então o Igrejas Caeiro foi posto fora da *Emissora Nacional* e resolveu organizar uma coisa que era O Comboio das Seis e Meia, um programa mais sofisticado do que os da APA. E qual

era a originalidade deste programa? Primeiro, o Igrejas Caeiro era um tipo altamente comunicativo, com uma voz de clarim; segundo, tinha muita popularidade pessoal e também a sua mulher. Resolveu então organizar um programa transmitido em directo — ele até tinha um autocarro grande onde levava a malta toda —, em Lisboa, no Politeama, que era composto pelos *quiz shows* e pela feira dos talentos. Era transmitido, acho, pelo *Rádio Clube Português*, que sempre teve uma certa independência. Eram estas as nossas diversões. E aí é que nós capitalizámos no Fialho Gouveia. O Figueiroa, eu, o Luís e aquela malta toda, dissemos: “Tu tens de ir ao Comboio da Seis e Meia!” O teu pai escrevia no jornal de Cascais, e eu também. Ele era nitidamente um organizador, um participador. E lá se inscreveu. Íamos para o café colonial ou para os bombeiros e o Fialho ensaiava então os poemas. O teu pai ganhou dois ou três concursos. Uma vez foi com um empreendimento nosso. Num concurso ganhou 200 paus! Na APA também venceu variadas coisas.»

O feito do jovem Zé Manel — assim lhe chamavam os familiares mais próximos — ao varrer com êxito os concursos radiofónicos da época causou o seu impacto nalguns membros da família, como foi o caso do primo José Cristiano, que recorda com orgulho que o meu pai «ganhou o prémio do Comboio das Seis e Meia, do Igrejas Caeiro, com “O Mostrengo”.» Com efeito, este adamastor de Fernando Pessoa foi das primeiras palavras que José Fialho Gouveia proferiu ao microfone.

E, dobrando temerariamente este Cabo das Tormentas de fazer ouvir em público a sua voz, José Fialho Gouveia anunciava de forma ainda escusa a descoberta do novo mundo da comunicação, que viria a revelar-se o cabo da sua Boa Esperança.

CAPÍTULO II

A PAIXÃO PELA RÁDIO E PELA TELEVISÃO



Testemunhos neste capítulo: Adelino Gomes, Ana Zanatti, António Augusto Serra Lopes, Carlos Cruz, Glória de Matos, Hogan Teves, Irene Carrapiço, João Paulo Guerra, José Nuno Martins, Júlio Isidro, Lucinda Almeida, Manoel Caetano, Maria Helena Varela Santos, Paulo Morais e Simone de Oliveira.

- ◀ Fialho Gouveia e Maria Helena Varela Santos, sua primeira mulher, nos dias iniciais da RTP.

CAPÍTULO II

A PAIXÃO PELA RÁDIO E PELA TELEVISÃO

«Quando entrei na televisão, com a frescura dos meus quinze anos, nem queria acreditar no que via. Ali estava, na sala de maquilhagem, ao vivo e a cores, o Fialho na galhofa com o chefe, senhor Madureira, e as suas colaboradoras. Depois entrou o Paulo Cardoso, que ostentava uns sapatos de camurça que eram um espectáculo. Seguiu-se o Henrique Mendes e o Manoel Caetano, que vinham despintar-se depois do Telejornal. Quando se levantou da cadeira de barbeiro onde enchíamos a cara de *Max Factor*, constatei que o Fialho era muito mais pequeno do que eu em altura, mas na profissão era... Grande!»

Nos anos 50 sentem-se ainda os vestígios da II Grande Guerra e completa-se a primeira década do Estado Novo — período cinzento, pesado, de grandes carências e em que se acentuam as assimetrias sociais. O País mantém-se isolado, sob o lema de «orgulhosamente sós», curvado pelo vergão repressivo da PIDE. Porém, sob o jugo do salazarismo palpitava uma abundante vida cultural, da literatura à música; cresciam e consolidavam-se os movimentos associativos, oposicionistas e estudantis; surgiam novos vultos do desporto; evoluíam as cidades; chegavam ecos de uma revolução juvenil, grávida de costumes renovados e atrevidamente vestida de ousadas ideias e de novos sons, que Salazar procurava evitar a todo o custo, através de um isolamento internacional, contrário à modernidade. Em 1958, o General Humberto Delgado afoitar-se-ia contra o poder ditatorial e moveria uma campanha presidencial contra o regime.

Ora, cursava o meu pai o Curso de Filologia Germânica quando o advento da televisão chegou a Portugal. Corria o ano de 1956. Aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, inscreveu-se num concurso para locutores, levado a cabo pela *Rádio Universidade*, dando assim os primeiros passos de uma carreira que nunca sonhara vir a ter: a de apresentador. Após dois anos naquela rádio estudantil concorreu, por sugestão de Caetano de Carvalho, director daquela, ao concurso de locutor na *Rádiodi Televisão Portuguesa*, que colocara um anúncio na imprensa para promover o recrutamento de jovens interessados em abraçar a nova aventura. Em Fevereiro de 1957, a embrionária RTP transmitiu em directo a vinda a Portugal da Rainha Isabel II de Inglaterra, e em Setembro do mesmo ano realizaram-se as suas sessões experimentais, que tiveram lugar na antiga Feira Popular, situada nas traseiras da Fundação Calouste Gulbenkian. Nestas sessões apareceram pela primeira vez no «pequeno ecrã» vários rostos que viriam a tornar-se bem conhecidos dos portugueses, alguns para ficar — foi o caso de, entre outros, Fernando Pessa, António Gomes Ferreira, Gina Esteves e Maria Helena Varela Santos. Maria Helena recorda-se do processo de mobilização de funcionários, com a abertura de concursos para locutores e para todo o restante pessoal de televisão. «Depois, faziam-se testes; no caso dos locutores, os mais importantes eram os testes de imagem. As sessões experimentais começaram a 5 de Setembro de 1956 e as candidaturas oficiais decorreram no espaço de dois meses — entre o fecho das emissões experimentais e o início da televisão, já em 1957 —, após uma pausa no final do ano anterior para trabalhos internos. Houve muitos rapazes e raparigas que fizeram os testes.»

Fascinado com esse mundo mágico que então despertava em Portugal, o jovem Fialho Gouveia candidatou-se a um lugar frente às câmaras. Fê-lo às escondidas dos pais, para quem

o desconhecido universo televisivo era uma incógnita, não uma profissão; mal sabia o Zé que eles viriam a ser os seus maiores admiradores. Foi ainda nesse ano, e durante os sete meses que passaram desde as sessões experimentais até à abertura oficial da televisão, que o meu pai entrou para a equipa desta, ainda como estagiário. Aqui viria a cruzar-se com Manoel Caetano, que conheceu o meu pai quando concorreram para locutores da televisão. «O concurso foi aberto por volta de 1956, fomos convocados e fizemos as nossas provas. Nessa altura era muito engraçado porque para além de termos de ler noticiários ou documentários em português, tínhamos também de o fazer em francês e em inglês, e o Gomes Ferreira sabia alemão porque havia estudado num colégio alemão. Tínhamos ainda de ler poesia, porque declamar ou proclamar era diferente de ler um noticiário ou de fazer uma reportagem de exteriores. A nossa amizade começou logo a partir daí, houve uma empatia muito grande. Depois, com a convivência, talvez por eu ser mais velho do que os rapazinhos que entraram, eu era como que um confidente. Nessa altura eu não tinha carro, de maneira que seria lá num canto qualquer que conversávamos como se fosse um confessionário aberto, e ainda se criou uma empatia maior.»

Curiosamente, os meus pais frequentavam já o mesmo curso, mas ainda não se haviam cruzado: «Conhecemo-nos na RTP», relatou-me a minha mãe, «nos meses de estágio entre as emissões experimentais e a abertura oficial da televisão. E fomo-nos apaixonando. Depois reencontrámo-nos na Faculdade de Letras de Lisboa, onde ambos cursávamos Filologia Germânica. Já estávamos na universidade quando entrámos para a televisão. E depois, já nós namorávamos, voltámos a inscrever-nos. Ele faltava bastante às aulas, porque se deitava habitualmente tarde, depois das saídas com os amigos; então pedia-me que lhe tirasse apontamentos. Nessa altura já ele tinha carro — o

primeiríssimo dos seus carros —, um *Fiat 600*, azul clarinho, de bancos cremes, IF-88-82, que me emprestava para eu ir de manhã, logo às 8 horas, às aulas.»

Meses depois, a 7 de Março de 1957, a televisão nacional era oficialmente inaugurada. As primeiras palavras — «Boa noite, senhores telespectadores» — foram ditas por Maria Helena; Gomes Ferreira e Arnaut Pombeiro deram as notícias. Dos pioneiros faziam também parte Manoel Caetano e Fialho Gouveia e, em breve, novos nomes, como Henrique Mendes, se lhes juntariam, formando o grupo «dos pioneiros da televisão em Portugal», recorda a minha mãe com carinho. «Os primeiros locutores assalariados foram o Gomes Ferreira e eu. Depois foi a vez do teu pai, do Manoel Caetano e mais tarde do Henrique Mendes. O meu primeiro ordenado era um conto e duzentos, se não estou em erro. Mas a televisão também era feita por muita gente por detrás das câmaras, para além das figuras mediáticas; nos bastidores encontravam-se homens e mulheres anónimos, mas igualmente determinantes nos primeiros passos da jovem caixa lusitana que mudou o nosso país. Por exemplo, o Artur Ramos, realizador, e a mulher, Maria Helena, que era assistente de realização. Os primeiros realizadores da RTP foram, a par destes, Ruy Ferrão — que acabara de chegar de um estágio na RAI (*Radiotelevisione Italiana*) — e Álvaro Benamor. Entretanto, na BBC de Londres, o locutor de rádio Nuno Fradique e o arquitecto Herlander Peyroteo concluíam um estágio. O Madureira era o maquilhador e havia um cabeleireiro de perucas, o Alberto Madureira, que era primo dele. Foi o Madureira que nos maquilhou no primeiro dia, e éramos nós que nos penteávamos. A roupa era toda nossa, não havia subsídios. Havia ainda o Abel Resende, que acho que estava na parte do jornalismo — porque inicialmente eram os jornalistas que escreviam os textos e os locutores liam as notícias.»

O dia 7 de Março de 1957 amanheceu solarengo, mas frio. Embora as emissões tivessem início apenas às oito da noite, a plural equipa da RTP nessa data chegaria mais cedo. O meu pai não foi excepção. Nesse dia não lhe caberia ler as notícias, mas, ainda assim, fez questão de estar presente no baptismo da televisão portuguesa. Depois de almoço, tomado antes do que era habitual — um dos muitos petiscos que a minha avó, com o seu dedo especial para a cozinha, preparara —, apanhou o comboio para Lisboa, na estação de S. João do Estoril. Vestia um fato azul-escuro, uma camisa pérola; a gravata sombria e lisa guardou-a no bolso, colocá-la-ia mais tarde. Os nervos eram muitos. A ansiedade deixava-o afogueado, pelo que despiu o casaco e o levou dobrado, sobre o braço esquerdo. Ainda pensara em levar um livro para nele mergulhar durante a viagem, mas cedo concluiu que não seria capaz de nele se concentrar. Chegado ao Cais do Sodré dirigiu-se a um autocarro que o levaria ao Lumiar; quarenta e cinco minutos mais tarde, chegava ao seu destino.

Subiu a rampa que o levaria aos novíssimos estúdios; teoricamente eram dois: o *Estúdio Grande*, onde teriam lugar os programas, a representação das peças de teatro e posteriormente os concursos, e a *Caverna*, local soturno e diminuto dentro daquele, destinado à informação, onde se leriam as notícias dos diversos blocos informativos. O pátio do Lumiar estava cheio de gente. Locutores, técnicos de som e de imagem, assistentes de realização e de produção, cabeleireiras, caracterizadoras e funcionários dos bastidores reuniam-se em pequenos grupos, aqui e ali, para rever, vezes sem conta, os detalhes da emissão, comentar os assuntos do dia, se encorajarem mutuamente ou, simplesmente, para contar uma boa piada. Pouco a pouco, cada um foi-se dirigindo para o seu posto, entregando-se aos seus deveres profissionais. Nenhum detalhe podia ser deixado ao acaso: era o despertar da televisão em Portugal!

O alinhamento era linear. A emissão abriria com o genérico e o hino da estação, seguindo-se-lhe as palavras da locutora de continuidade, a apresentação do projecto RTP, música, informação, teatro, dança, novo espaço noticioso e o encerramento, coroado com «A Portuguesa». Davam as nove e meia da noite de 7 de Março de 1957 quando soou no estúdio o grito «silêncio!», acompanhado de uma campainha. Apareceu então no ecrã o genérico da RTP, ao som da marcha de abertura, que tão repetida seria. A um sinal do assistente de realização a primeira locutora oficial da televisão portuguesa, Maria Helena Varela Santos, abriu a emissão com um sorriso, que viria a valer-lhe o título de «o sorriso mais querido da RTP» e que a passaria a definir. «Boa noite, senhores espectadores», foram as suas palavras, seguidas do anúncio do programa que se seguiria. Um posterior relato do pioneiro dia retrata a tensão sentida no importante momento: «A gentil presença da locutora que apresentou a emissão deve ter suscitado a simpatia do público, que, sem dúvida, acompanhou com benevolência os seus esforços para dominar o natural nervosismo.»

Tal como abria a transmissão dessa venturosa jornada, Maria Helena, de longas tranças enroladas, despedia-se com a expressão que lhe ficou como imagem de marca e que tantas vezes repetiria: «Boa noite, senhores telespectadores e até amanhã, se deus quiser!» Pelo seu primeiro dia ao serviço da RTP, a locutora recebeu 100 escudos. E muito embora as emissões oficiais da televisão portuguesa tivessem arrancado com cinco meses de atraso em relação à vizinha Espanha, o balanço era positivo.

«Do primeiro dia», contou-me a minha mãe, «guardo a memória de muitos nervos! Parecia que andava tudo eléctrico, a correr de um lado para o outro e receosos de que alguma coisa corresse mal. Umas duas horas ou três antes já andava tudo

numa grande azáfama. Quem leu as notícias do primeiro dia foi o Gomes Ferreira e o Luís Arnaut Pombeiro, lado a lado, cada um na sua mesa. Depois, fomos todos para o restaurante onde a malta se juntava a comer qualquer coisa. Mais tarde passou a haver também jantares. No final o Capitão Varela, com o seu *Studebaker Cameron*, enfiava aquela malta toda no carro para irmos para a Portugália. Nós saímos dali todos juntos e fomos petiscar. Foi a primeira de muitas outras vezes.»

De início os meios técnicos eram escassos. Nos estúdios do Lumiar, sobranceiros à Alameda das Linhas de Torres, haviam funcionado duas empresas de produção: a Cinanfa e a Cinelândia, mas a sua vida fora breve. O estúdio A do Lumiar (conhecido como a *Caverna*) ocupava 296 m². À sua volta ficavam os diversos departamentos técnicos, do controlo de emissão às cabines para projecção, locução, gravação e sonoplastia, com as unidades de produção e redacção, bem como a cenografia, os armazéns e a própria administração, instaladas em edifícios anexos. Depois surgiu o estúdio B, mais pequeno, com cerca de 38 metros quadrados, onde eram feitos os noticiários. Na época, o núcleo dos que faziam televisão em Portugal era relativamente pequeno. Entre locutores, realizadores, assistentes de realização, operadores de som e de imagem, produtores, anotadores, cabeleireiros, maquilhadores, empregados de bar e administrativos, a RTP resumia-se a poucas pessoas. Todos os programas eram emitidos em directo, «sem rede», pelo que a necessidade de entreajuda e de colaboração se tornava imperiosa. A concorrência entre os profissionais dessa RTP era inexistente. Ninguém almejava sobrepor-se a um colega, nem ter melhores programas do que o seu próximo. No fundo, o ambiente que se respirava na jovem RTP era de fraternidade, de amizade e de família. E em cada dia no Lumiar fazia-se televisão abnegadamente, com alma de entrega.

Fazê-lo, como a minha mãe, Maria Helena Varela Santos, certa vez revelou, tinha «um segredo muito simples, mas factor básico para os “milagres” que se davam dia-a-dia nos estúdios do Lumiar: um espírito de camaradagem, de carolice, de cooperação, uma devoção apaixonada e uma determinação firme posta em tudo quanto se fazia. Não havia *cameramen*, locutores, caracterizadores, realizadores, etc. Havia um todo.» Eram um bloco. Cada um dava-se «inteiramente ao seu trabalho e ao trabalho dos outros, sem interferir mas procurando sempre ajudar, tentando evitar erros seus ou dos outros, e quando os havia (porque os havia e não eram poucos!) raras vezes se notavam, pois existia sempre alguém a “tapar o buraco”. (...) No início o ambiente era de grande companheirismo e entreatajuda, de forma tal que, se alguém falhasse, havia logo alguém que estava alerta e que lhe encobria a falha. Não se notavam as falhas cá fora. Nunca!» Vivia-se, portanto, «uma camaradagem sã, agradável e desportiva. Nenhum pretendia ser “o melhor”, embora tentasse ser melhor em cada emissão, isto é, aprendendo e progredindo.»

Essa união e esse espírito de cooperação pautavam a atmosfera que se vivia então nos estúdios do Lumiar, onde a par de um trabalho feito com paixão havia tempo para a amizade e para o divertimento. Até os horários eram definidos de comum acordo, tendo em conta as necessidades pessoais, profissionais e até a fé de cada um. É Manoel quem o elucida: «Uma coisa que combinámos logo no princípio é que, como éramos católicos romanos praticantes, eu e o Gomes Ferreira estávamos de folga nos natais. Mas o Zé Fialho, e depois mais tarde o Henrique Mendes, folgavam no Ano Novo porque aproveitavam para ir apresentar um espectáculo e ganhar algum. De maneira que isso estava sempre combinado. Muita gente não sabe, e é engraçado que fique no livro do Zé Fialho, que tínhamos um

código entre nós. Porque podíamos precisar de fazer qualquer coisa e portanto ter de pedir ao outro para nos substituir antes de irmos falar com o nosso amigo da agenda para ele nos mudar os horários. O teu pai para nós era o *Bastos*, de José Manuel Bastos Fialho Gouveia. O António Manuel Freitas Gomes Ferreira era o *Freitas*; eu, Manoel José Barata Alves Caetano, era o *Barata*. Mais tarde, quando veio o Henrique de Jesus Pereira Mendes, para nós era o *Pereira*. Depois tivemos de distinguir entre ele e o Carlos Cruz, porque também era Pereira. Tal era a empatia que havia entre nós!»

O bom ambiente, contudo, não se ficava pelos estúdios, nem as horas passadas na RTP eram apenas aquelas dedicadas à preparação dos programas e à sua emissão, estendendo-se às salas de produção, ao bar, ao pátio — o *Monte dos Vendavais* —, para fumar um cigarro ou tão-somente desfrutar de momentos de tertúlia com colegas e amigos. Raras eram as vezes que a equipa não se reunia num qualquer restaurante ou espaço nocturno para partilhar uns momentos de alegre convívio, já ultrapassadas as aventuras televisivas do dia. «As emissões começavam às 20h00 e acabavam à meia-noite», evoca a minha mãe. «Nas noites do primeiro ano de televisão, no fim da emissão, saíamos todos em bando e íamos comer à Portugália. E também íamos para a Tágide, que era uma boíte, e fazíamos umas noitadas na Parreirinha de Alfama, ou na Toca, sempre com o Capitão Varela Santos, o meu pai, atrás. Até fizeram uma graça a dizer que depois de eu e do pai casarmos iríamos para a Toca, do fadista Carlos Ramos. Também íamos muitas vezes ver Revista Portuguesa — que o teu pai tanto apreciava! —, e depois jantar à Tia Matilde, no Parque Mayer, ou a um restaurante, creio que se chamava Ribadouro, numa esquina ao pé daquele. Os artistas em geral naquela época encontravam-se nalguns lugares de eleição, como no café Monte Carlo, ao lado do Monumental,

onde se divertiam com colegas e jornalistas; ou à noite, no Expresso, que era ao lado da Pastelaria Suíça, no Rossio, depois das emissões de televisão. Neste último, por exemplo, encontrávamos jornalistas como Baptista-Bastos, Fernando Peres, Rolo Duarte, Vasco Hogan Teves ou Ribeiro Soares.»

E foi nessa atmosfera familiar, e em frente a um microfone ou a uma câmara, que o meu querido pai encontrou o seu lugar na vida. Ali fez amigos que consigo atravessaram décadas. Ali conheceu a sua primeira mulher. Ali viveu momentos de grande alegria. Ali noticiou a Revolução dos Cravos. Ali riu; Ali chorou. E daquilo sentiu falta.

O primeiro ordenado de Fialho Gouveia foi de 1 250\$00. Na altura não havia despesas de imagem concedidas aos locutores — cada um proveria o seu próprio vestuário, que devia ser impecável. Tão pouco havia subsídios de transporte ou de alimentação. Não será por acaso que televisão rima com paixão: fazia-se por gosto. E quem ali trabalhava, por disposição do Conselho de Administração, não podia exercer alguns outros tipos de actividade. As contratações dos primeiros locutores da RTP obedeceram à seguinte ordem: Maria Helena, Gomes Ferreira e Fialho Gouveia. A admissão oficial do meu pai tardava, embora tivesse lido as notícias desde cedo. E o motivo que adiou a sua entrada para o quadro de efectivos da RTP foi precisamente aquela que se tornaria a sua imagem de marca: a covinha no queixo! Por mais incrível que hoje nos pareça, essa característica física do meu pai foi, inicialmente, considerada como um defeito. Reza a história, contou-me a minha mãe vezes sem conta, que o Zé Fialho «esteve quase para não entrar nos quadros da RTP porque diziam que a covinha no queixo era um defeito! Debateu-se muito o assunto porque havia quem dissesse que a covinha ficava mal. Mas o Augusto Madureira, que era o nosso caracterizador, dizia que até lhe dava personalidade».

Considerações puritanas à parte, a transmissão de peças era habitual na RTP. Glória de Matos faz parte do grupo de actores teatrais que deu corpo a personagens, em directo, a partir do velhinho Lumiar. E foi nesse cenário que a actriz — que mais tarde uniria o seu destino a um dos pioneiros da televisão portuguesa, Henrique Mendes — travou conhecimento com o meu pai, porque naquela altura «faziam-se duas peças por semana na televisão; uma peça longa à segunda-feira e uma curta à quinta-feira. E ensaiávamos na Alameda das Linhas de Torres. A gente da RTP recebia-nos sempre muito bem. Convivíamos todos. O seu pai não tinha qualquer tipo de constrangimento. Conheci-o na RTP, mas depois ele ligou-se ao Raul, de quem se tornou amigo, e de quem eu também era amiga e encontrámo-nos variadíssimas vezes, fizemos amizade. Ainda antes de conhecer o Henrique, que na altura apenas conhecia de vista. A televisão era um palco de encontros. Por acaso não foi aí que convivi com o Henrique e em que nos apaixonámos um pelo outro, mas sim anos mais tarde. Ele ao princípio detestava-me e eu detestava-o; porque ele achava que eu era a diva do teatro e eu achava que ele era o galã da televisão. Mas encontrava todos os outros, com quem me dava muito bem. Tudo aquilo era muito divertido. E essa alegria transparecia para o ecrã. O que havia naquela altura era um espírito de colaboração fantástico. Era o fascínio da televisão, que era uma coisa nova. E como foram os primeiros, criaram aquilo de raiz. A televisão fazia-se por paixão! Porque ser profissional não é só ter boa técnica, é aquele que ama aquilo que faz! E eles eram os verdadeiros profissionais. Ficavam todos muito bem na televisão, de maneira que aquilo despertava muitas paixões...» Paixões exacerbadas a que muitas vezes teve um ou outro locutor que fugir, como viria a suceder com José Mensurado, «escondido no banco de trás do carro de um colega, coberto por uma manta», como revelou Vasco Hogan Teves.

De outras paixões, porém, não se fugiu. Porque foi neste ambiente, partilhando a mesma paixão pela televisão e a mesma profissão, que os meus pais começaram uma vida a dois, como tantas vezes me contou a minha mãe:

«Namorámos durante dois anos, com uma longa interrupção pelo meio; ficámos noivos a 20 de Novembro de 1959 e casámo-nos a 20 de Janeiro do ano seguinte. Na altura do nosso namoro o pai vinha para casa de comboio, apanhava o último da noite, que aqui chegava às 2 horas e meia da manhã. Eu vivia em Lisboa. Criámos o hábito de ele me ligar ao chegar a casa, dava então o relógio dos teus avós a badalada das duas e meia, o que me assegurava que ele estava de facto a ligar de casa. Naturalmente preferia sabê-lo em casa. O teu pai frequentava muito com os amigos um café nas Arcadas do Estoril e eu, sempre com a minha mãe atrás, lá ia ter com ele, namorar de mãos dadas — que era tudo a que tínhamos direito — e vê-lo jogar a feijões com os outros rapazes.

O nosso foi um relacionamento muito mediático, porque tanto eu como ele éramos figuras públicas, muito acarinhadas pelo público e pela imprensa de então. O Álvaro Benamor tinha sido actor de teatro e mais tarde tornou-se realizador de televisão. E ele era um senhor! Um senhor de punhos de renda e luva branca. Era um romântico, delirava com o nosso namoro. Quando nós nos namorávamos, no fim da emissão, adorava sobrepor as nossas imagens! Na altura que o teu pai estava a dar as últimas notícias, fazia *fade out* dele para mim, que depois fechava a emissão, até que aparecia só a minha. Sempre que aquilo acontecia já se sabia quem é que estava de serviço.

Convivemos com muitos actores que estavam na berra naquela época, como Vasco Santana, Ribeirinho, Zé Viana e Raul Solnado. O Vasco Santana passava a vida a meter-se connosco, que estávamos sempre abraçados. Ele fazia muito teatro na RTP. E, então, quando

eram os intervalos, estava toda a gente nos estúdios em alegre cavaqueira e ele dizia-nos, com aquela sua voz característica: "Ó rapazes, não se amem tanto! Estes dois, estes dois!"

Nessa altura o teu pai vinha de comboio. E logo nos primeiros meses apanhou uma "gripe asiática" e não pôde trabalhar, mas não quis faltar e ao fim de dois dias já se pôs em pé e lá foi de comboio para Lisboa, com uma camisola de gola alta preta, que ele teve de despir para ler as notícias. Mas no estúdio os projectores eram tão fortes que lá dentro não havia frio.

Mais tarde, já com o Paulo e contigo, também convivemos muito com o Ruy de Carvalho e a Rute, quando nos encontrávamos na piscina de Monsanto, onde vocês brincavam com a Paula e com o João, os filhos do casal.

Juntos, eu e o teu pai apresentaríamos a rubrica *Onda Optimismo*, do *Rádio Clube Português*; alguns espectáculos ao vivo; um programa de variedades na RTP; e uma emissão do concurso *Ou Sim Ou Não*, em que eu apareci com um vestido de estilo chinês, inspirado no filme *A Colina da Saudade*, e no qual o teu pai, em directo, disse: "Hoje venho acompanhado pelo meu jarrão chinês!"»

Também o amigo Serra Lopes lembra o romance dos «pombinhos» — que na lua-de-mel em Madrid o Fialho e tua mãe estavam sempre a namorar, pareciam dois periquitos. E em Madrid foram ao Prado e depois sentaram-se lá num daqueles jardins a namorar e a certa altura veio um polícia e multou-os! Assisti ao namoro e aos arrufos, mas acompanhei mais o Fialho e a Maria Helena quando eles eram casados. Nós casámos em Abril de 1960, já a tua mãe estava grávida do Paulo. Eu, o teu pai, a tua mãe e a Maria resolvemos que íamos passar um fim-de-semana à Pousada das Berlengas. E fomos! Fomos os quatro. Eu enjoei que nem uma pescadinha, que o barco saía de Peniche, levava uma hora a chegar às Berlengas e o mar estava cheio de

ondulação. E o teu pai em fato-de-banho era um macaco, era muito peludo. Até no braço, por exemplo, ele usava sempre o relógio às três pancadas e o pulso tinha muito pêlo! Portanto, o peludo do teu pai veio justificar a tal máquina de barbear!»

Máquina essa que viria a provar-se indispensável nos únicos momentos da rotina televisiva que o meu pai de bom grado dispensaria. É que o único senão da carreira que tão apaixonadamente abraçara, lembra a minha mãe, era o facto de que ele detestava ser maquilhado. «Detestava pôr o *pancake* na cara! É que a maquilhagem de então era completamente diferente da que se usa agora. Eles cobriam as imperfeições todas. A única coisa que diziam ser imperfeição e que não cobriam era a tal covinha no queixo, que estivera quase a eliminá-lo, porque a covinha ficava escura na imagem. Eram cartapácios de “argamassa”, de pasta, que nos punham na cara. Ele coitado tinha de se barbear imediatamente antes de ser maquilhado. E aquilo era horrível porque sujava as golas todas das camisas. E mal a emissão chegava ao fim, ia a correr desmaquilhar-se.»

Ora, uma das «culpadas» do tormento da caracterização, e que bem se recorda essa saga, era Irene Carrapiço, que o conheceu na televisão «em 1960, ainda lá estava a tua mãe, ainda eles namoriscavam. E depois trabalhámos juntos ao longos dos anos, até sairmos. Tenho muitas histórias com ele. A princípio eu tinha de lhe disfarçar a covinha, mas quando a televisão passou a ser a cores já não era preciso, até porque a maquilhagem era mais leve. O *pancake* e o *panstick* eram os que mais se usavam. Era uma pasta grossa. Ele odiava pôr aquilo! Dizia: “Lá vens tu com essa porcaria!” Mas, no final, quando a gente os despintava com um óleo ou um creme aplicávamos umas toalhas quentes que o Zé adorava: “Agora põe-me lá a toalha quente!” Era uma ótima pessoa, um brincalhão. Fazia-nos muita companhia, contava-nos anedotas. Divertía-

mo-nos muito com ele. Nunca foi vedeta. Tratava-nos sempre como se fôssemos família. Tanto que, quando o meu marido morreu, foi dos primeiros a vir ter comigo. Nessa altura, todos nos acarinhavam muito, a mim e à minha filha — que chamava ao Zé o “pai Pialho”, porque não dizia os efes —, levavam-na ao bar e davam-lhe de comer. Se o Fialho tinha algum problema de trabalho ou familiar chorava com facilidade. Comovia-se muito. Era amoroso. Fora de série. Às vezes gritava a fingir que estava zangado; depois abraçava-me e dava-me muitos beijinhos. Era muito meiguinho. Andava sempre agarrado à gente.»

Memórias idênticas guarda Lucinda Almeida, cabeleireira e maquilhadora, que com o meu pai conviveu anos a fio, desde a data em que se conheceram: «Foi no dia 30 de Abril de 1967. Era um domingo. Nunca me esqueci. Na altura ele fazia o telejornal e alguns outros programas. Há uma cena muito engraçada passada com ele. De vez em quando vinham entregar aos locutores os textos para eles lerem e numa destas vezes ele virou-se para mim e disse: “Ó miúda, senta-te aqui que vais saber as notícias em primeira mão! Era o que faltava era eu estar para aqui a falar para o boneco!”

Eles pregavam muitas partidas uns aos outros. O teu pai, o Carlos Cruz e o Manoel Caetano eram os mais divertidos. Quando eles acabavam de dar as notícias, em vez de saírem punham-se de joelhos — para a câmara não os apanhar — a tirar os papéis à locutora de continuidade. Também eu lhes pregava partidas. Eu já não era boa e quando o chefe Madureira me incentivava a fazer maldades... Uma vez cozi os bolsos do sobretudo ao teu pai e enchi-os de papéis; quando ele o ia a vestir descobriu logo que tinha sido eu, pois disse: “Ouve lá, ó miúda, cozeste-me o sobretudo todo!” Eu nunca o vi mal disposto. Tinha sempre uma palavra simpática.»

A pouco e pouco, com o passar dos meses, o rol de vedetas televisivas engrossava e aos primeiros rostos do «pequeno ecrã» juntavam-se agora novos nomes, como o de Maria Leonor, que passou também a visitar os lares dos venturosos portugueses que possuíam um receptor de televisão. Na verdade, no final da década de 50 e no início dos anos 60, nem todos podiam dar-se ao luxo de ter na sua casa um televisor privado. Na altura um aparelho de televisão custava entre 5 900\$00 e 7 800\$00. Pesassem embora os baixos salários de um Portugal atrasado e empobrecido, em apenas menos cerca de um mês foram adquiridos e registados mil aparelhos de televisão particulares. O aumento da procura teve um efeito positivo na oferta, que, fruto daquela, desceu os preços. E assim, no final de 1958, um ano e nove meses após o baptismo da RTP já se contabilizavam 32 mil aparelhos de televisão, o que significava oito vezes mais do que a previsão inicial.

Ia a televisão de vento em popa quando, a páginas tantas, a minha avó paterna se apercebeu de que o filho «andava sem receber o ordenado», lembra a minha mãe, «porque estava a evitar ir fazer uma análise de rastreio ao sangue. Foi a tua avó que o descobriu. Foi com ele ao posto médico e avisou a enfermeira: “Olhe que o meu filho costuma desmaiar.” “Que disparate!”, respondeu aquela. Mas mal ele viu o bisturi que lhe ia picar o dedo, ainda nem este lhe havia tocado, já estava estendido no chão. O pai tinha muito medo de agulhas e de bisturis.» Também Irene Carrapiço, uma das primeiras maquilhadoras da RTP, lembra a perda de sentidos do Zé Fialho aquando «da primeira operação do Dr. Barnard ao coração. Tiveram de o tirar do ar porque ele viu as imagens e começou a sentir-se mal. Não podia ver sangue. E, já longe do alcance das câmaras, desmaiou.»

Paralelamente à sua actividade na televisão José Fialho Gouveia mantinha acesa a sua primeira paixão: a rádio! A sua pre-

sença na RTP assegurou-lhe, como Maria Helena explica, um lugar nesse outro meio de comunicação, já que «a partir do momento em que estávamos na televisão, éramos chamados para trabalhar na rádio». E assim, em 1959, começa a ser transmitido na *Rádio Renascença* o *Diário do Ar*, realizado por Paulo Cardoso, cuja equipa Fialho Gouveia passou a integrar, juntamente com Maria Helena Alves, José Manuel Bento, Aurélio Carlos Moreira e sua futura mulher, Maria Helena Varela Santos. Tratava-se de um programa de reportagem que estaria em antena até 1963 e que tinha por mote «Aquilo que você gosta é a nossa especialidade!».

No Lumiar a informação era frequentemente ilustrada por peças filmadas que possibilitavam documentar a própria notícia veiculada nos blocos informativos, apresentados diariamente por equipas de pares de locutores pertencentes ao quadro da RTP, como Gomes Ferreira, Fialho Gouveia, Manoel Caetano, Arnaut Pombeiro e Arménio Duarte Silva. Entretanto, corria ainda o ano 1959 quando no Lumiar o espaço informativo inicial deu lugar ao *Jornal RTP* e este, ao *Telejornal*, que assim estreava a 18 de Outubro do mesmo ano. O novíssimo formato tinha duas edições: uma, com a duração de meia hora, às 20h30, mal abria a emissão e outra, mais curta, com cerca de 10 minutos, já cerca das 23h30, antes do fecho da emissão. Inicialmente tentou-se confiar a condução desse serviço noticioso a jornalistas profissionais, como Mário Pires, do *Diário de Notícias*, ou Alberto Lopes, de *O Século*, mas a aposta não resultou e estes foram sem delongas substituídos pelos locutores do quadro da RTP. Eram eles então já um quadro um tanto mais alargado face ao inicial: Gomes Ferreira, Fialho Gouveia, Manoel Caetano, Henrique Mendes e Paulo Cardoso. E aqui não houve surpresas, com todos a cumprir a nova tarefa na perfeição, sem que qualquer espaço, contudo, lhes fosse concedido ao improvisado ou à alte-

ração das notícias que vinham redigidas pelos profissionais da redacção do Lumiar e que haviam sido sancionadas pelo censor da PIDE de serviço, o famoso «homem do lápis azul». Malgrado esta realidade, eram os locutores que assumiam o papel de protagonistas das notícias veiculadas.

O Telejornal era lido a dois. E muitas são as histórias que dele se contam. Certa vez, estavam o meu pai e António Gomes Ferreira na cabine de locução preparados para dar «voz off» a notícias da actualidade internacional, quando se funde a luz do estúdio, prosseguindo normalmente, contudo, a emissão das respectivas imagens. Ciente do facto, Gomes Ferreira teve a presença de espírito de lançar a mão a uma caixa de fósforos, que foi acendendo uns atrás dos outros. Uma vez mais, mal conseguindo conter o riso, o bom do meu pai lá leu as notícias, de fio a pavio. Noutra ocasião, é Simone de Oliveira, amiga de tantos anos do Zé Fialho, que traz à baila «uma coisa muito engraçada que aconteceu num telejornal, estava eu nos camarins e o Manoel Caetano e o Zé Fialho a fazer o telejornal. O Zé lia as notícias: “Laus: por causa do Savana Pulma, com pulma ou pulma, o Laus sempre está metido numa!...” Depois começa a rir e desliza pela cadeira abaixo; e a imagem passa para o Caetano que ainda se ria mais. Acabaram por ter de tirá-los do ar. Foi a época maravilhosa do pioneirismo. Estávamos todos em paixão!» E houve ainda um divertido episódio de que foram protagonistas o meu pai, a minha mãe e uma cadelinha bebé *Fox Terrier*, de pêlo curto, que entrou numa peça de teatro na RTP. «Eu», confessa a minha mãe, «adorei a cadela e no fim deram-ma. Isto foi a uma quarta-feira, e às quartas-feiras o pessoal da televisão era muito reduzido porque era o dia de cinema para poderem descansar. Só havia um *cameraman*, um técnico de som, um realizador, ou seja, só o pessoal essencial para fazer a emissão. O teatro era transmitido em directo, a partir do estúdio grande do Lumiar, onde se faziam

os espectáculos. O realizador da peça, que era o Nuno Fradique, quando esta chegou ao fim deu-me a cadelinha. Quando chegaram as últimas notícias, que iam ser dadas pelo teu pai e pelo Gomes Ferreira, andava a cadelinha por lá a sirigaitar. Nisto começou a *Miss TV* — assim a baptizei —, por debaixo das mesas de madeira — que eram muito rudimentares, sem ser pintadas, apenas com um pano por cima —, a morder as meias do teu pai. Ele tentava afastá-la discretamente com a perna, para ela se ir embora, mas não havia meio. Então tive de ir de gatas, devagarinho, por ali fora, por debaixo da mesa, buscar a cadela. Isto em directo, mas felizmente não se via.»

O que se via na íntegra, com avidez, era cada emissão televisiva de então, saboreando-se cada segundo, como nos conta Júlio Isidro:

«Nos primeiros tempos da televisão em Portugal — desculpem todos os outros canais, mas ainda chamo televisão à RTP — a emissão era para ver toda, do Hino com as antenas até ao Hino com a bandeira e o escudo na posição vertical. Em família, com a sala escurificada, tal cinema de bairro, víamos os noticiários em silêncio por imposição paternal, as variedades, os concursos e as séries. E a televisão também era feita em família lá para os estúdios do Lumiar. Assim, foi fácil saber de cor os nomes das figuras do chamado "pequeno ecrã" e elegê-las pelas suas características. "Para mim o mais simpático é o Fialho, com aquela covinha no queixo e um sorriso tão natural", dizia a avó que, sem saber, sabia o que era isso de magnetismo televisivo. Claro que, para a prima, o eleito era o Henrique Mendes, com aquele penteado impecável e o anel no dedo mindinho. O pai salientava que todos falavam bem e bom português, mas que o Fialho improvisava com tal facilidade que até parecia que estava a ler um discurso previamente escrito. Se ainda não tinha sido inventado o telemóvel, muito menos estaria para ser inventado o teleponto...

Quando entrei na televisão, com a frescura dos meus quinze anos, nem queria acreditar no que via. Ali estava, na sala de maquilhagem, ao vivo e a cores, o Fialho na galhofa com o chefe, senhor Madureira, e as suas colaboradoras. Depois entrou o Paulo Cardoso, que ostentava uns sapatos de camurça que eram um espectáculo. Seguiu-se o Henrique Mendes e o Manoel Caetano, que vinham despintar-se depois do Telejornal. Quando se levantou da cadeira de barbeiro onde enchíamos a cara de *Max Factor*, constatei que o Fialho era muito mais pequeno do que eu em altura, mas na profissão era... Grande!»

Como grande era a entrega dos que fizeram os primórdios da televisão portuguesa, como grandes e inabaláveis eram as amizades que esta apadrinhava. Em 1962, um jovem locutor chega à RTP. Chamava-se Carlos Cruz, trazia na bagagem seis anos de experiência de rádio, muita timidez, uma grande paixão pela arte de comunicar e um cáustico sentido de humor. Conheceu o meu pai quando entrou para a televisão como colaborador, havia então umas guerras de cunhas de umas pessoas muito importantes. De maneira que a televisão, para se limpar daquilo que tinha feito, deu-lhe trabalho, mas não o colocou no quadro, no qual só viria a entrar em 1968, com o Ramiro Valadão:

«Foi nessa altura que conheci o Zé Fialho e houve uma empatia que nasceu naturalmente e que se transformou depois numa amizade muito forte. Tínhamos interesses comuns, sobre a vida, pensávamos da mesma maneira, o Zé tinha um enorme sentido de humor, transformava qualquer momento de convivência em momento de alegria e de divertimento. Comecei a ir à vossa casa aqui no Estoril, era a Maria João bebé. Lembro-me de brincar com a Maria João em cima de um cobertor no quintal. Depois comecei a vir para a praia com ele, a praia da Azarujinha, e à piscina do Hotel Londres, e de vez

em quando saíamos à noite — havia um grupo da RTP que de vez em quando ia aos fados, que era o divertimento dessa altura. O Pai [tratamento carinhoso de Carlos Cruz em relação a Fialho Gouveia] fazia a Onda do Optimismo, um programa da manhã do *Rádio Clube Português*, e depois, aos domingos, ia para o futebol ler os anúncios nos intervalos: ele lia a publicidade dos relatos de futebol da Sonarte, do Artur Agostinho, e eu fazia relatos de futebol no início da minha carreira. Acho que foi uma amizade espontânea, uma coisa epidérmica, que depois se foi manifestando com pontos de vista profissionais muito idênticos.

Naquele tempo o pessoal da televisão que dava a cara tinha umas vidas convencionais: o Gomes Ferreira era casado e andava a estudar medicina; o Manoel Caetano trabalhava na Sonap, que veio a dar origem à Galp; o Henrique Mendes também de vez em quando alinhava connosco, mas menos; e o Pai, apesar de ser casado, gostava da noite, gostava de sair e de conviver com os colegas. Digamos que o meu dia-a-dia, a partir do momento em que entrávamos nas instalações da RTP e até quase ir para a cama, muitas vezes se fazia na companhia do Fialho. Falávamos muito sobre trabalho, sobre projectos — o Pai era extremamente criativo —, e foi assim que se desenvolveu a nossa relação, que durou a vida inteira.

Ao contrário do que possa imaginar, tirando aqueles acidentes dos telejornais, as coisas engraçadas não foram marcantes, de tal forma que eu tenho muita dificuldade em lembrar-me delas. Eu sei que nós nos ríamos muito quando estávamos juntos, mas eram coisas de circunstância, contar histórias da televisão, de actores. Eram conversas que aconteciam e morriam ali. Essas dos telejornais marcaram-me, marcaram ao Pai, ao Manoel Caetano, principalmente a nós três, que éramos três reguilas.»

Os anos passaram, mas a adrenalina e o nervosismo de apresentar o Telejornal não se desvaneciam. São de facto muitos os

incidentes pitorescos e pândegos que marcaram a leitura das notícias ao longo da carreira jornalística do meu pai. Ana Zanatti seria protagonista de um desses momentos hilariantes conjuntamente com o Fialho, como nos recorda: «Perdemo-nos de riso uma noite, na última edição do Telejornal antes do fecho da emissão, quando, na notícia que tinha de ler antes de mim, referiu “um campo de pénis” em vez de “um campo de ténis”. O Zé, passado o primeiro segundo de perplexidade pelo que tinha lido, desmanchou-se a rir e não conseguiu continuar e, quando a câmara passou para mim, enfei-me debaixo da mesa do Telejornal. Foi terrível mas muito divertido, passada a aflição do momento.»

De 1957 até à revolução do 25 de Abril de 1974, José Fialho Gouveia fez parte do quadro de locutores da RTP, embora fosse muitas vezes destacado para fazer diversos tipos de trabalhos, como telejornais, entrevistas e apresentação de programas, entre outros.

A década de 1960 revelar-se-ia um período de transformação e de mudança. Embora ainda apartada do resto do mundo, a sociedade portuguesa conhece nestes anos profundas mutações estruturais, estimuladas por uma multiplicidade de factores externos e internos, com o regime de então a ver a sua estabilidade ameaçada pelos diversos factos ocorrentes nas décadas de 50 e 60, das eleições presidenciais de 1958 aos levantamentos populares e militares que lhes sucederiam.

A miséria em que mergulhara Portugal origina uma emigração em massa. Por outro lado, a inevitável entrada no país de milhares de estrangeiros, consequência do incremento do turismo, trazia consigo um mundo de notícias e de novos modelos exógenos, fruto de uma emergente jovem cultura citadina inconformada e subversiva e protagonista de mudanças sociais e culturais, simultaneamente estruturais e supérfluas. Era a chamada «Revolução Pop». Rumores da mesma faziam cres-

cer nas camadas mais jovens e no universo cultural um intenso descontentamento e uma incontrolável decepção. Somente a curva ascendente do turismo nacional e algum investimento estrangeiro em Portugal permitiram fazer frente às dificuldades económicas que grassavam o país, malgrado a quebra de mão-de-obra e o aumento salarial determinados pela emigração e pela Guerra Ultramarina.

Foi neste contexto que a carreira do meu pai conheceu o seu prólogo. Em 1965 coube-lhe apresentar o divertido programa de variedades Cruzeiro de Férias, que tinha por cenário uma esplêndida embarcação de receio. Este era escrito por José Galhardo e João Nobre e contava com a representação grandes nomes do teatro como António Silva, Laura Alves, Hortense Luz, Leónia Mendes, Óscar Acúrcio, Nicolau Breyner, Octávio de Matos e Luís Cerqueira, assim como com as actuações de músicos e cantores como Madalena Iglésias, o Conjunto António Mafra, a Orquestra Fernando Carvalho e o Conjunto Eugénio Pepe. Tratava-se de um bem-disposto programa recreativo realizado por Rui Ferrão, que o apresentador abria da seguinte forma: «Senhores espectadores, considerem-se desde já nossos convidados! Vamos dar início a um magnífico cruzeiro de férias, a bordo do luxuoso pacote *Estrela do Mar*, onde se reunirão algumas das mais distintas famílias portuguesas e até estrangeiras. Acontece que, talvez por deformação profissional, resolvemos trazer connosco as câmaras — as tais indiscretas câmaras da televisão. Através delas vamos procurar proporcionar-lhes, além das actuações dos artistas especialmente contratados para os *shows* deste cruzeiro, um ou outro episódio que mereça uma referência especial...» O meu pai passava então a apresentar as diversas personagens, do Comandante Águas, interpretado por António Silva e que enjoava no mar, à restante tripulação e passageiros, dando finalmente início ao

espectáculo: «E agora já estou a ouvir palmas, sinal de que o *show* vai começar!»

A par desta viagem de lazer fictícia, muitos foram os cruzeiros em que o meu pai participou, sempre em trabalho e por convite de quem os organizava. Mais tarde fá-los-ia na companhia da minha madrastra, mas os primeiros fê-los primeiro com a minha mãe, também ela encarregada de conduzir os *shows* de bordo e de apresentar as vedetas da canção que integravam os seus cartazes, como lembra Maria Helena, que fez quatro cruzeiros com ele: «Dois à Madeira, um às Ilhas Canárias e outro ao Mediterrâneo. Naquela altura era habitual convidarem-nos para apresentarmos espectáculos e concursos nestas viagens.»

Uns anos antes, o romance do meu pai com o mar fora outro. Em Janeiro de 1962, o campeão nacional de natação, Primo Ferreira, atravessou a nado o Canal da Mancha num dia de tempestade. O feito foi acompanhado por repórteres ingleses e pelo *Rádio Clube Português*, na pessoa de Fialho Gouveia. Ambas as equipas de reportagem, inglesa e portuguesa, seguiam a bordo de pequenas embarcações e a tormenta fora tal que os britânicos, a determinado momento, perguntaram ao meu pai e aos seus colegas se sabiam rezar. Também por cá os momentos foram de aflição, pois apenas chegavam notícias da borrasca, o que deixou a família em ânsias — particularmente Maria Helena, sua mulher na altura, que fora mãe pela segunda vez (de mim) há menos de dois meses — enquanto não se recebia mais informação. Por fim, os relatos lá venciam a distância e a intempérie e lá se soube, por fim, que a travessia fora um êxito e que estavam todos bem — nadador e jornalistas.

E, enquanto a televisão acontecia, feita de vitórias e peripécias, os laços de amizade entre os seus artífices estreitavam-se. A conciliar a sua actividade televisiva com os estudos de me-

dicina, Gomes Ferreira sagrava-se finalmente médico. Nesta sua conquista, acompanharam-no dois colegas da RTP: o meu pai e Manoel Caetano, que se lembra de ambos terem «ido a Coimbra quando o Gomes Ferreira acabava o curso, quando ele fazia o último exame, que se passasse o tornaria senhor doutor. Há imagens do teu pai nas brincadeiras, a perguntar se o Gomes Ferreira iria fazer obstetrícia ou “telejornalícia”, nas quais eu também metia a minha colherada, dizendo: “Bem, hoje ficou provado que não nos estavas a dar golpadas quando dizias que tinhas de vir a Coimbra para fazer enfermarias.” Porque havia dias em que o Freitas nos pedia para fazermos por ele os programas que lhe cabiam, porque tinha de ir a Coimbra para fazer as enfermarias. Nos últimos anos — não sei se ainda se usa — os alunos fazem enfermarias para acompanhar o professor e para lhe dar depois também um relatório.»

Num outro campo, na rádio, estreava-se em 1967 na Onda Média do *Rádio Clube Português* o PBX, de Fialho Gouveia, Carlos Cruz e Paulo Cardoso, e que incluía ainda na sua extensa e jovem equipa José Nuno Martins, Joaquim Furtado, Adelino Gomes, Luís Filipe Costa, João Alferes Gonçalves, Rui Pedro, João Paulo Guerra e Paulo Morais. O nome PBX fora sugerido pela minha mãe, Maria Helena, já no final do seu casamento. Tratava-se, como recorda Carlos Cruz, de um programa que era produzido pelos Parodiantes de Lisboa, «um programa da noite, da meia-noite às duas, para fazer concorrência ao 23.^a Hora, da *Rádio Renascença*, onde eu também tinha estado. Foi um programa que nos marcou muito, à equipa toda. Atingiu uma audiência louca, porque introduzíamos a reportagem de rua, misturado com música e belas entrevistas, sendo um programa muito actual musicalmente. E provocávamos muito os próprios ouvintes, não só com os temas mas com atitudes.» E a mais evidente de tais provocações remonta

a um certo dia de Abril, em que, como conta Cruz, inventaram que «uma nuvem de pirilampos a atravessar o país, vinda de Espanha». Mas tudo começara na véspera do mesmo, estava «a equipe do PBX na rádio, a pensar o que faria no dia seguinte», revela Paulo Morais, que explica a génese da ideia: «Entrávamos à meia-noite e o nosso programa era o primeiro do dia um de Abril. Primeiro falou-se em inventar uma invasão de gafanhotos, mas concluiu-se que tal podia assustar as pessoas. Então decidiu-se recorrer à *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* que existia no RCP e adaptar o texto, de forma que onde se lia gafanhotos, passou a dizer-se pirilampos. Fabricámos as gravações todas, para no dia seguinte irmos pondo no ar e íamos, muito profissionalmente, seguindo o mapa. Tivemos uma pseudocientista a explicar o fenómeno.» Carlos pega no fio à meada: «Íamos descrevendo o percurso da nuvem, de maneira que à meia-noite, uma da manhã havia pessoas em pijama dentro dos carros na Serra de Sintra para ver passar a nuvem de pirilampos. Depois nós dizíamos — o que é verdade — que os pirilampos eram afastados pela luz eléctrica e então o presidente da câmara de Rio Maior mandou desligar a luz da vila e ficou toda a noite à espera da nuvem de pirilampos.» A rábula estava de tal maneira bem montada e pseudo-documentada que «houve ouvintes a telefonar a dizer que os estavam a ver, de modo que a certa altura os pirilampos andavam depressa demais, e já iam mais longe do que prevíamos», acrescenta Morais, que entretanto decidiu ir com a sua mulher «até Cascais e vimos pessoas a tentarem ver os pirilampos. Houve até um padre que disse que umas senhoras de Fátima tinham visto os pirilampos na azinheira! No dia seguinte desmontámos a história e houve quem não tivesse ficado muito contente, porque entretanto pusemos no ar as gravações dos ouvintes a dizer que estavam a ver os pirilampos.»



- ▲ Maria Helena Varela Santos e Fialho Gouveia, com o seu *FIAT 600*, numa gincana da RTP.
- ◀ O casal nos bastidores de um evento da RTP.



▲ Fialho Gouveia e Maria Helena junto ao carro da locutora, acompanhados pela amiga Marilú.

▼ O casal de namorados, José Manuel e Maria Helena.





▲ O casamento de José Manuel e Maria Helena. Da esquerda para a direita: a cunhada da locutora, Maria do Rosário, ladeada pelas primas do locutor, Maria Carolina e Rosália Mendes Bastos; a avó da apresentadora, Ana Varela Santos; a sua mãe, Cesaltina; e o pai da noiva, o Capitão Jaime Varela Santos.



▲ Os noivos com a família e os amigos. Ao centro, da esquerda para a direita: o irmão da noiva, Alberto Duarte Varela Santos com a mulher, Maria do Rosário; os pais de Fialho Gouveia, Álvaro e Cesaltina; e os pais da noiva, Jaime e Sara.



- ▲ Os recém-casados com os colegas da RTP. Da esquerda para a direita: Manoel Caetano, António Gomes Ferreira, Fernando Pessa, Paulo Cardoso e Henrique Mendes.
- ▼ Maria Helena e José Manuel no jardim da sua residência com a filha, Maria João e com o filho, Paulo.





◀ O casal de locutores com o seu primeiro filho, Paulo.

▼ A família num barco a remos no lago do Campo Grande.





- ◀ A família Fialho Gouveia numa reportagem para a revista *Flama*, no Campo Grande. Fialho Gouveia segura o urso de peluche da sua filha, que esta baptizou como Ursolina.



- ◀ O apresentador com o filho mais velho, Paulo, em 1972, na sua casa em S. João do Estoril.



◀ José Fialho Gouveia com a filha, Maria João, em 1972, na sua casa em S. João do Estoril.



▲ Fialho Gouveia na Sierra Nevada, em Dezembro de 1973.



- ▲ Fialho Gouveia com a filha, Maria João, numa entrevista à revista *Nova Gente*, em 1992.
- ◀ O locutor e a filha, na estreia de um espectáculo no Casino Estoril, a 5 de Maio de 2004. Esta seria a última fotografia que pai e filha tirariam juntos.



Fialho Gouveia era descrito pelos amigos como homem bom, repórter talentoso, benfiquista entusiasta e, acima de tudo, uma referência ética e cívica para todos. Já era uma das vozes mais populares da rádio quando participou na fundação da RTP, em Março de 1957. Desde logo se tornou uma das caras mais importantes do «pequeno ecrã». Criou e apresentou, com Raul Solnado e Carlos Cruz, o Zip-Zip, o primeiro *talk-show* português; fez a reportagem em directo do 25 de Abril, numa emissão histórica da RTP; e foi a face e a alma de alguns dos mais conhecidos programas dos anos 80 e 90, como A Visita da Cornélia, A Arca de Noé e Entre Famílias.

A sua filha, Maria João, oferece-nos pela primeira vez um relato íntimo e comovente do conhecido apresentador, em todas as suas facetas — a harmonia familiar e o sucesso popular, mas também as mentiras e as amarguras que lhe roubaram a alegria nos seus últimos dias.

Recheado de fotografias inéditas, este livro é mais do que o retrato de um jornalista e apresentador ímpar: é a história de um período fundamental da vida portuguesa.

Inclui os testemunhos sentidos de mais de uma centena de amigos, familiares e colegas de profissão, entre os quais:

António Victorino D'Almeida • Carlos Cruz • Eládio Clímaco
Eunice Muñoz • Eusébio • Fernando Tordo • Herman José
João Soares • Júlio Isidro • Marcelo Rebelo de Sousa
Mário Soares • Mário Zambujal • Nicolau Breyner
Ramalho Eanes • Ruy de Carvalho • Simone de Oliveira



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.

v o g a i s

com todas as letras

20120 editora

ISBN 978-989-668-186-9



9 789896 681869

www.vogais.pt